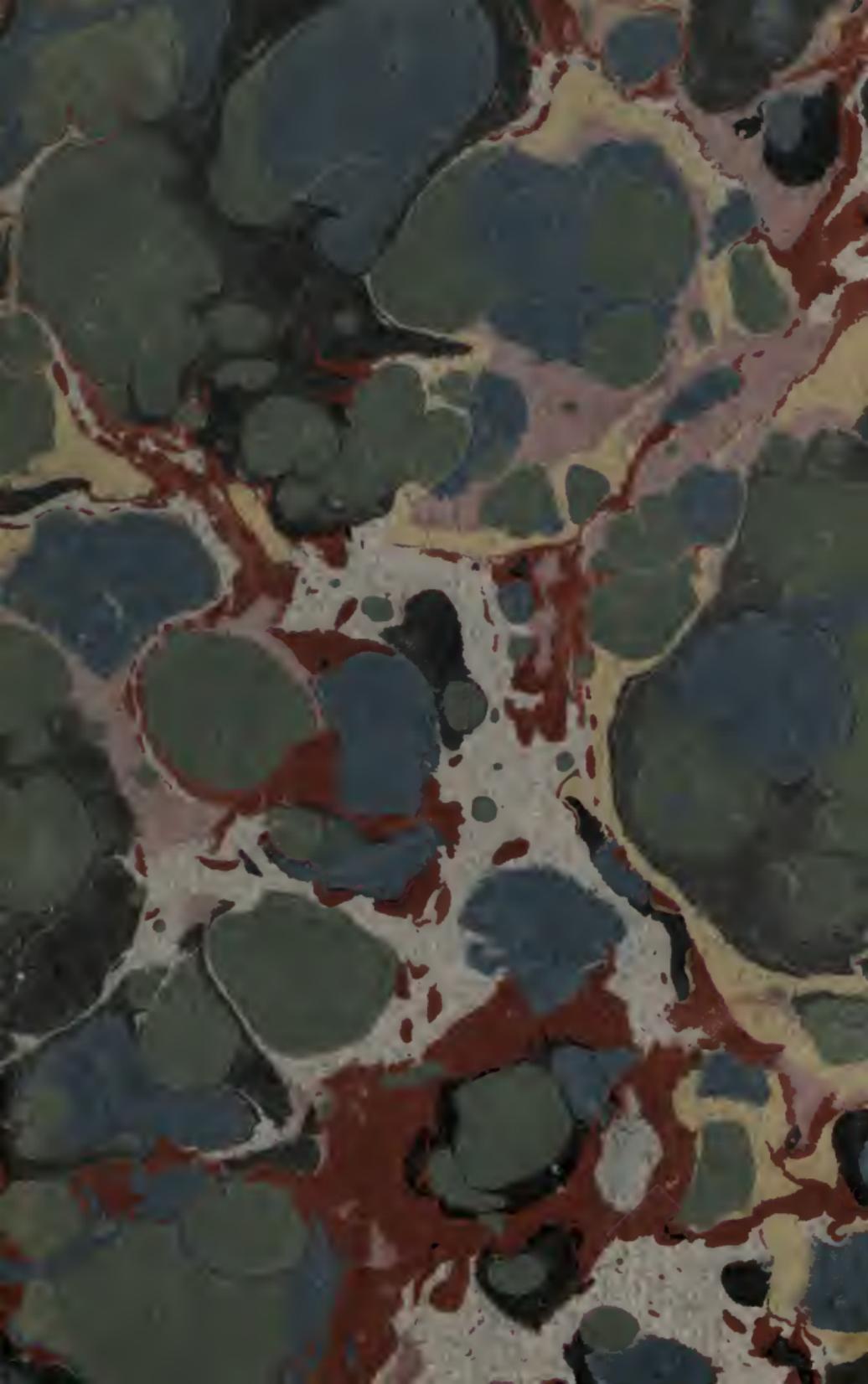




R B186,593



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton







R

ALMANAK
DAS
MUSAS,

NOVA COLLEÇÃO
DE POEZIAS.

OFFERECIDA

AO GENIO PORTUGUEZ.

P A R T E I I I .



L I S B O A :

Na Offic. de JOAÕ ANTONIO DA SILVA,
Impressor de Sua Magestade ,

A N N O M. DCC. XCIII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame , e Censura dos Livros.



TRADUCCÃO
 D A
 O D E I.
 DE HORACIO

A
 M E C E N A S

*Em que o Poeta mostra dezejar só a gloria
 da Poezia , principalmente da Lyrica.*

Ouve, ó Mecenas, que de Reis descêdes;
 Tu que me honras, tu que me defendes:
 Ter de Olimpico pó cuberto o rosto
 Em honroza carreira he d'huns o gosto:
 Girando em torno a perigoza meta
 No veloz carro o destro, o forte Athleta
 Sem que as rodas lhe toquem, se afignala;
 E esta victoria aos Deozes os iguala.

A este á que os Romanos inconstantes
 Daõ á cinte os empregos mais brilhantes;
 A'quelle que em celeiros mil recolhe,
 Quanto nas Africanas eiras colhe

Satisfeito em cavar, e costumado
 Nos patrios campos có rompente arado,
 Se em Cypria não convidas ao undozo
 Már Egêo turbulento, e perigozo,
 Nunca do seu estado os inquietas,
 Bem que as riquezas d' Atalo prometas.

Em quanto có as Icarías ondas luta
 O africo vento, tímido se escuta
 O Mercador louvar apáz, que goza
 A campina da Patria deleitoza.
 Eis chega ao porto, as Náos reforma á preça,
 Receia que em miseria alí pereça.

Sacrificão alguns parte do dia
 Ao doce vinho, que a Campanía cria
 Ora na verde relva reclinados,
 Junto da branda fonte, ora sentados.

Do Campo Marcial a rica pompa,
 E o mixto som da clarineta, e trompa
 Agrada a huns, a quem a guerra agrada,
 Pelas Mays sempre, e sempre detestada.

Ao caçador nem lembra a terna Esposa
 Velando em noite frigida, e chuvoza:
 Ou porque os fieis cães co' a corça deraõ,
 Ou porque a rede os Javalis romperaõ.

A era, que honra o sabio, esta samente
 Entre os Deozes me põe: fujo da gente
 Ao frio bosque a ouvir suaves côros
 Das Ninfas, e dos satiros sororos;
 Quando a tocar o Lybico alaude
 Polimnia inspire, e Euterpe a flauta ajude;
 Se entre os Liricos vates me numeras,
 Eu subirei ás luzidas espheras.

D. C. B. O



LEBREIDA

CACADA REAL

LEBRES.

EU canto a Magestade, o Fausto, a Pompa,
 Com que vi o meu Rei aquelle dia,
 Que ao som festivo de doirada trompa
 Seu leal Povo a ve-lo concorria.
 Ninguém a terra pize, ou o mar rompa,
 Q' a ouvir-me não se encha d'alegria;
 Como se encherà de alegria, e espanto
 Quem vio o Grande Rei, que alegre eu canto.

II.

Não vai ao espectáculo d'horrorosas
 Feras, que hum dia aos míseros humanos,
 Rodeados de turbas bellicosas,
 Custumavaõ lançar ímpios tiranos:
 Justas, torneios, lutas caprichosas,
 Que produziaõ só funestos damnos.
 Não vai a isto hum Rei Pio, e Prudente,
 Q' impera amando a Lusitana Gente.

III.

Deixa , triste Melpomene , que hum dia
 Do teu furor m'aparte , e que procure
 A suave influencia de Thalia ,
 Com que a voz neste canto eu mais segure :
 Estilo claro , solida alegria
 Ella fará , que nos meus versos dure ,
 E que eu possa pintar tanta grandeza
 Sem misturar-lhe sombra de tristeza.

IV.

E a quem se não a Vós , Augusto Neto
 Do Rei , que louvo , e que respeito tanto ,
 Já por obrigação , já por affecto ,
 Eu devo offerecer tudo o que eu canto ?
 Dai-me o vosso favor , que eu vos prometo ,
 Que a voz , que enfraquecida aqui levanto ,
 Quando coragem noya alegre tome ,
 Leve por todo o Mundo o vosso Nome.

II V.

Com vosco nos meus versos tambem quero
 Pelo Orbe levar os Lusitanos ,
 Qual o doce Virgilio , e o grande Homero
 A nós trouxerao Gregos , e Romanos.
 O meu canto , Senhor , eu inda espero ,
 Que o façais conhecido entre os humanos :
 Inda espero , que o mundo estime muito
 Meus versos , de que haveis ser Alto Assunto :

VI.

E se acaso julgais , que eu sou pequeno
 Para em vossos louvores empregar-me ;
 Do Grande Avô ao poderozo aceno
 Eu bem sei quanto posso levantar-me.
 E talvez ouvirá o Indo , e o Rheno ,
 Se o vosso amparo não quereis negar-me ,
 Mais do que tem ouvido tantas vezes
 Dos vossos respeitaveis Portuguezes.

VII.

Porém , Principe Augusto , agora em quanto
 Eu não posso chegar ao que desejo ;
 Em quanto inda não posso fazer tanto ,
 Quanto merecem as acçoens , que eu vejo ,
 Ovi os naturais versos , que eu canto ,
 E ponho nas benignas mãos , que bejo.
 Custumai-vos a ouvir com que verdade
 Fallo da mais Augusta Magestade.

VIII.

No Mez , a que deo nome o Deos bifronte,
 Em que o giro dos annos principia ,
 Quando se crôa d' alvo gelo o monte ,
 E inda não nos visita Progne impia ,
 Quando o ardente Pai do vaô Phactonte
 Os seus raios parece em neve esfria ,
 Quando o frio Aquilaõ sopra com raiva ,
 E os troncos despe a horrifona saraiva.

Em

IX.

Em hum dia, em que o Sol desembrulhava
 As densas nuvens d'humidos vapores,
 E por entre ellas mesmas espalhava
 Sobre a terra brilhantes resplandores,
 Vibrando o turvo ar-então soava
 Vóz de marciais clarins, e de tambores:
 O estrepito dos brutos já se ouvia;
 Mas não causava horror, tudo alegria.

X.

Corre então muita gente velha, e moça,
 Por cujas mãos o trigo se semeia,
 Sem guarda fica então rebanho, e choffa
 E não fica hum só rustico na Aldea.
 Hum com rudes palavras, e voz grossa
 Conta o estrago da passada cheia:
 Vem ver o Rei, que soube libertar-nos
 Da fome, que marchava a desolar-nos.

Po-

* He bem sabida a providencia, que
 Sua Magestade dera para se tornarem a se-
 mear os campos do Riba-Tejo quando a
 cheia de 1771. lhes tinha levado as se-
 mentes &c. &c. &c.

Povo , e mais Povo , vai correndo áquellas
Estradas , porque o giro está disposto ;
Povoão as mulhêres as janelas ,
Querem ver todos do Monarcha o rosto :
Co' as enrugadas faces , e amarelas
Por mão do filho , ou a hum páo d' encosto
Hum velho , e outro à porta se chegava ,
Onde o seu grande Rei ver esperava.

XII.

Com a brilhante Cruz se vê ao peito
Hum a nobre Gineta recostado ,
E as cáas , que inda lhe dão maior respeito,
Ornato chapeo com oiro circulado.
E da cansada vida satisfeito,
Vem ver quem o sustenta , e o tem honrado,
E aos patricios , que vê postos em roda ,
Conta as façanhas de sua vida toda.

XIII.

Inda me lembra , diz verguendo a fronte ,
Que fazem inclinar pezados annos ,
O aparato , o trem , e a rica ponte ,
Porque Carlos passou , e os Castelhanos. **
Mas de que serve agora que eu vos conte
O que fez Pedro , Rei dos Lusitanos ,
Quando ainda , he maior he mais completo ,
O magnifico Fausto de seu Neto ? En-

** No tempo d' El-Rei D. Pedro II. fôï sumptuosissimo o apparatus com que se recebeu Carlos III. a quem auxiliaraõ depois tropas Portuguezas &c.

XIV.

Então em mais robusta, e forte idade,
O fui servir a Broças, e a Monsanto:
Inda a carniceria, a mortandade
Daquelles choques faz no mundo espanto.
Acabou-se o vigor da mocidade,
Troixa velhice já me abate tanto.
Mas inda sinto, em vendo o Augusto rosto,
Fortalecer-se o coração de gosto.

XV.

Por Elle linda com esta, e hia empunhando
A larga espada, que lhe pende à cinta,
Vendo-se a crespa pelle ir já tomando
A cor, com que o valor o gesto pinta.
Esta, que os inimigos desarmando,
Foi tantas vezes no seu sangue tinta,
Fará que de seu Rei nunca se esqueçaõ,
Os naturais, e os outros o obedeçaõ.

XVI.

Quem diante de mim negar se atreve,
Que lhe Elle o nosso Bem, nossa Ventura?
Que a podicia da Corte se lhe deve
Que os campos tem por Elle mais cultura?
Diga a fabia Minerva quando esteve
Assim tão respeitada, e tão segura
Dando leis ao Universo com socego
Nas aprasiveis margens do Mondego?

Tu,

XVII.

Tu, ó nova Lisboa, que levantas
Nova face gentil d'entre as ruínas,
Tu fim, por bocas mil, por mil gargantas
A decantar seu Nome grata ensinas.
Eu bem oiço, e ouvem todos, que tu cantas
Co' as Sciências, e as Artes peregrinas,
O Nome, que respeita o mundo inteiro
Do Rei de Portugal, Jozé Primeiro.

XVIII.

Já de gritar o Velho enrouquecia,
Huma palavra a outra sufocando,
Ternura, gosto, amor, e valentia
Foi insensivelmente misturando.
Mas suspendeo as vozes, quando ouvia
Som guerreiro, que ao longe vem soando,
E ao longe as ricas fardas vermelhavaõ
Com as tecidas pratas, que as ornavaõ.

XIX.

Eraõ estes, que a tudo precediaõ,
Em ligeiros cavallos bem montados,
Os carros de clarins, que já se ouviaõ
De sonoros timbales alternados.
Outros d'iguaes librês logo os seguiaõ,
Que traziaõ no braço apoleirados
Com os olhos tapados os Açores,
Que haviaõ ser no campo os contendores.

Com

XX.

Com doiradas coleiras nos pescoços,
 Leves cumpridos galgos vão diante,
 Puxão pelas cadeias, bellos moços,
 Que em os deter trabalho tem bastante.
 São inda na barriga menos grossos
 Que pelo magro peito; de galante
 E pequena cabeça hum pouco aguda,
 A cauda longa fim, mas não felpuda.

XXI.

Atraz da vistofissima caterva
 Rica liteira mulas carregavaõ;
 Onde outras muitas aves de rezerva
 As bordadas cortinas ver deixavaõ.
 A turba espectadora, que isto observa,
 E a todos, que confuzos a admiravaõ,
 O artificio a fazia inda mais grata,
 Que o seu fino veludo, o oiro, e prata.

XXII.

Que improvizo murmureo reboliſſo!
 As lizas calvas descobrindo os velhos,
 Os moços com hum modo mais submiſſo,
 Baixaõ as testas, dobraõ os joelhos:
 Barras eu cuido ver d' oiro maciſſo
 Sobre amarelos panos, e vermelhos.
 Tanto inferior he esta pompa áquella,
 Quanto ás luzes do Sol a-de huma estrella.

Co-

XXIII.

Como alegre o Mineiro desentranha
 Da terra dura, ou d'entre a solta arêa,
 Coloridos topazios, e os apanha,
 E ambicioso o animo recreia:
 Mas vendo do diamante a luz estranha
 Se confunde de gosto, e titubeia
 Por ir a aporveita-lo, deixa tudo:
 Assim deixo esta pompa, já outra acudo.

XXIV.

Sobre valente bruto de côr negra,
 Que pelas largas ventas fumegando
 Ligeiras mãos, e pés, move com regra,
 Faz a terra tremer, que vai calcando,
 Vejo o Grande José, que anima, e alegra
 Ao povo, que o espera ajoelhando,
 E a magestosa face, no Augusto Rosto
 Derrama sobre todos gloria, e gosto.

XXV.

O Marialva, illustre o-acompanha,
 Como Estribeiro Mór, e vem montado
 Em bravo bruto d'huma côr castanha
 De doirados arreios jaezado:
 De espumoso suor o corpo banha,
 Tanto a tempo se move, e concertado,
 Que mostra que respeita, teme, e estima
 O Cavalleiro bom, que tráz em cima.

XXVI.

Logo o Monteiro Mór, o Illustre Mello
 Do outro lado o-acompanha sobre
 Hum generoso, e bem fiel, murzello,
 Seguro o passo, socegado, e nobre
 O metal que aos avaros faz disvello
 Lhe esmalta o freio, e os jaezes cobre,
 E as fitas, como aos outros, enlassadas
 Lhes fazião as crinas matizadas.

XXVII.

Branco animal ao ar facode a terra,
 Que a mão ferrada apanha, e traz em cima
 Com a Deoza da Caça, ou a da Guerra,
 Vaidoso sopra, e tudo em pouco estima,
 Prole de Chile veio a Salvaterra,
 A quem o movimento airoso anima,
 Não fingida Minerva, nem Diana,
 Mai verdadeira, Augusta Mariana.

XXVIII.

Da excelsa fundadora de Carthago,
 E da Sabia Zenobia do Oriente,
 E outras, que o povoado mundo, e o vago
 Encherao de seu nome illustremente,
 Não, não se chore a perda: o mundo he pago;
 Com bastante razão d' estar contente,
 Nessa, que sobre o bruto o campo trilha,
 Que o guia, que o afaga, leva, e humilha.

XXIX.

Gira Sangue Real dentro das veias
 Deste , que a segue General famoso ,
 Que rege os nossos mares , e às alheias
 Terras , manda seu nome respeitoso ,
 Vem sobre airoso bruto , que tráz cheias
 De branca espuma as ancas , e o formoso
 Peito , que vai sustendo os pés , e os braços
 Seguindo , e imitando a outro os passos.

XXX.

Generoso alazão segue mascando
 O durissimo ferro , que o refreia ,
 Levando alegre a frente , e vai deixando
 Impresso o passo sobre a loura areia.
 Parece que se ensaia assim pizando
 Na terra propria ao que fará na alheia
 Co' o Grande General , que tráz em cima
 A' testa dos Exercitos , que anima.

XXXI.

Sim : este General , que tem gravado
 No seu tranquilo aspecto alto respeito ,
 O filho , o grande Aveiras , tráz ao lado
 Da lição , e do exemplo satisfeito.
 Em outro bruto de igual côr montado ,
 D' huma anca bem fornida , e largo peito ,
 Que parece acompanha relinchando
 O som guerreiro , que lhe vão tocando.

XXXII.

Sobre hum castanho escuro, que maneja
 Também com regra, e ligeireza os braços,
 E cuja longa cauda ao vento ondeja
 Co' as soltas pontas dos vermelhos laços,
 Vem o Real Infante, que dezeja
 Sempre ao Rei, Sogro, Irmão seguir os passos,
 E do sereno Rosto a Magestade
 Bem se vê transpirar santa Piedade.

XXXIII.

Bem que mais clara a côr também castanha
 He d'outro bruto a nedia, e liza péle,
 E a tantos quantos pizaõ a Campanha,
 Não cede em graça, e valentia áquelle:
 O garbozo Illustrissimo Saldanha,
 Eu o-estou admirando, he quem vem nelle;
 Co' a redea o passo ao bruto suprimindo
 O seu Amo Real lá vem seguindo

XXXIV.

Vem a turba de Illustres Cavaleiros
 Com vestidos riquissimos ornados
 D' oiro, e prata, a diviza dos Guerreiros;
 Os mais de lindas côres matizados:
 Vem sobre airofos brutos, e ligeiros,
 Que parecem levantaõ compaçados
 Os pés, e as mãos, fazendo os movimentos
 Ao som dos bellicosos instrumentos.

XXXV.

Aquelles são os principaes , aquelles
 Compõe de Portugal a alta Nobreza ,
 Debalde he repetir o nome delles ,
 Que a Fama espalha em toda a redondeza.
 Vê Francisco , os teus Silyas , e os teus Telles ,
 E outros , que brota a terra Portugueza :
 Illustres ramos d'arvore tamanha ,
 Q' onra c'os frutos seus toda Alemanha.

XXXVI.

Farta essa juvenil curiosidade ,
 O nobre tronco ve d'onde descendes ,
 O valor , a Sciencia , a heroicidade
 Dos teus maiores , que imitar pretendes.
 Porém em quanto a ver a quantidade
 Dos heroes do teu tronco te suspendes ;
 Eu vou continuando com meo canto ;
 Porque não posso dilatar me tanto.

XXXVII.

Seis corpulentos urcos , levantando
 Pezadas grossas patas brandamente ,
 Rico , e pompozo coche vem tirando :
 A roda trilha o chão , e mal se sente.
 Sobre as pontas dos pés se está firmando
 Para velo admirada toda a gente :
 Penhor da Lysia , Principe Menino ;
 He cauza deste alegre desatino.

XXXVIII.

Agora são mais, e mais clamores,
 Ninguém sofre que a vista outrem lh'impessa:
 Os pequenos se queixão dos maiores,
 Hu' para ver melhor ergue a cabeça.
 Manchadas pelles de graciosas cores
 São as dos brutos, que conduzem nelle
 Berlinda a sua Augusta Mãe, com ella
 As três Reais Irmãs, aqual mais bella.

XXXIX.

Aos brutos, que talvez mal governados
 Precipitarão o infeliz Phaeronte,
 Qu' o Orbe girão nunca fatigados,
 Pirôis, Phlegonte, Eoo, e o bravo Ethonte,
 Fazem inveja aquelles, que guiados
 Por hum experto auriga, erguida a fronte,
 Ali vão conduzindo com vaidade
 A Beleza, a Virtude, a Magestade.

LXXX

Inda d' hum lado, e outro viva, viva
 Se está com vós alegre repetindo,
 Em quanto em outro coche a comitiva
 D' Illustres Damas ali vem seguindo.
 He tofco o meu pincel, bem não aviva
 A imagem do que vou mais distinguindo,
 Nem eu tento do Verso na estreiteza
 Poder recopilar tanta grandeza.

XLI.

Novo, e grande tropel manda aos ouvidos :
 Pelas ferradas mãos o chaõ trilhado
 De mil ligeiros brutos prevenidos
 Para suprir algum, que for cansado.
 Os jaezes, de qu' elles vem cingidos
 Cobre pano riquissimo, e bordado ;
 E das ricas librés nas varias côres
 Se distinguem quais são, de quais Senhores-

XLII.

Pelo campo em cumprida ala s'estendem :
 Já muda a comitiva de figura ;
 Já os sofregos galgos se desprendem ;
 E o raivozo Falcaõ vê a luz pura.
 Parece, que estes brutos já entendem
 Ao que forão trazidos ; pois procura
 Cada hum seu lugar : questaõ discreta !
 Hum Philozofa a-trate, eu sou Poeta.

XLIII.

Sei que a timida lebre, que se acoita
 Entre pequenos ramos percebendo
 As vozes, e o tropel, foge da moita ;
 Mas o galgo veloz segue-a correndo.
 E o rapido Falcaõ, que o ar acoita
 Co' as fortes azas lá do alto vendo,
 Vem logo com bravissima destreza
 Tirar a vida a hum, e a outro a preza.

Vai

XLIV.

Vai das rompentes unhas pendurado
 O pequeno animal, o povo grita:
 Pára o ligeiro caõ, como pasmado;
 Sobre o successo quazi, que medita:
 Ora se move a hum, ora a outro lado:
 Move a cauda co' a vista no ar ficta;
 Mas vê correr ao longe outros, e corre
 Em quanto a lebre ensanguentada morre!

XLV.

Ainda estão a este o premio dando
 Da, que trouxera arrebatada, preza;
 Vem negras gralhas pelo ár gasnando,
 Vôa outro com rapida braveza:
 Huma quer escapar-lhe confiando
 De suas leves azas na destreza;
 Mas eila cae sobre o picante tojo
 Das duras garras mizero despojo.

XLVI.

Fogem aqui quadrupes ligeiros,
 Bando aligero ali se turba, e espalha;
 Dos Fálcoens são os galgos companheiros;
 Ha na terra, e no ár igual batalha.
 Aqui tem os instantes derradeiros
 Calada lebre, e gritadora gralha:
 Chove sangue do ár, na terra corre
 Sangue das vêias do animal, que morre.
 Como

XLVII.

Como á garra tenás dos diligentes
 Falco ensinada se encontra, que rezista;
 Assim ao braço das heroicas gentes,
 Que reges, Grande Rei, e tens á vista.
 Para o experimentar basta que intentes
 Novo Imperio ganhar, nova Conquista:
 Verás que das mais dhes fogem nas batalhas,
 Quais do altivo Falcão, Lebres, e Galhas.

XLVIII.

Mas não: candida Paz co' as longas azas
 Cubra, e defenda a Lusitana terra,
 Em quanto homens, Cidades, campos, cazas
 Desôla ao longe o ardor vorás da guerra.
 Troia, e Carthago estaó campinas razas,
 E o seu funesto cazo nos aterra.
 Nem consente a tua alma santa, e pia
 Para a vâa gloria tanta tyrania.

XLVIX.

He gente Lusitana, assim remato;
 Della tem dito já bastante a Fama.
 Vê que foi Lusitano Viriato,
 Lusitano tambem o Illustre Gama.
 E outros muitos agora não relato,
 Cujos nomes no mundo se derrama,
 E tem corrido em mais suaves rimas
 Diversas regioens, diversos climas.

Erguei , Principe Augusto , erguei a testa ;
 Vede do Grande Avô grandes vassallos ;
 Specie , d'humanos , singular he esta ;
 Já desde agora começai a honra-los.
 E o ouvido inclina a quem protesta
 Não só co' as acçoens vossas anima-los ;
 Mas a estranho Paiz , e a estranhos Povos
 Levár do novo Héroe louvores novos.

D. C. B.



Dividas regens , d'averes dadas
 E sem corido em mais invades tinas
 Cujos nome no mundo he de tinas
 E outros nomes agora não tinas
 E quando tambem o illustre tinas
 Vê que tal Latino Virato tinas
 Della tem dno ja bastante a tinas
 E a gente Latina , a tinas tinas

BILHETE DE BOAS FESTAS ;

E ANNOS BONS.

Ao EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO
SENHOR ARCEBISPO
INQUIZIDOR GERAL

CONFESSOR

RAINHA NOSSA SENHORA,

E Is-me a vossos pés prostrado ;
Dai-me a beijar essa mão
Capaz de mudar meu fado,
E que em piedosa intenção
Me tem beneficiado.

Por esta occasião, por esta
Eu vos venho apparecer
Hoje com cara de festa,
Enfeitada do prazer,
Qu' entre esperanças me resta :

Felices annos conteis,
Pedir aos Ceos me compete,
E fazei vós, que podeis,
Me seja o-de oitenta e sette
Melhor, que o-de oitenta e seis.

Este

Este o tempo, vós sabeis ;
 De cumpridas profecias :
 Tenho fé nas que fazeis ;
 Lembro mais, que estou nos dias
 Dos donativos dos Reis.)

Mas temo huma má ventura,
 Que tudo o meu me baralha,
 E cruel talvez procura
 Embrulhar-me na mortalha,
 Tristes bens da sepultura.

Dai-me vós algum conforto,
 Marcaí mais curta esta meta:
 Q' ás vezes pondero aborto,
 Que já Camoëns o Poeta
 Foi feliz depois de morto:

Quizera que a Real Mão,
 Que faz felices as gentes,
 Me tirasse de aflicção:
 E em quanto inda tenho dentes
 Me desse da Igreja o Paõ.

E mais que o proprio sustento
 Vai-me a honra interessada,
 Porque haverá fraudulento,
 Q' affirme, que não ter nada
 He não ter merecimento.

Fora o meu crime cantar,
 Se isto crime pode ser!
 Agora vou-me a mudar
 De cantar para comer,
 A comer para rezar.

E pois que o Senhor vos poz
 Onde me valhais assim :
 Vá hum ajuste entre nós :
 Orai vós , e orai por mim ,
 E eu rezarei por vós.

Naõ quero ser mais extenso ,
 Boas festas vos agoiro ;
 E ao Misterio a que eu pertenço ,
 Fazei possa offertar oiro ,
 Q' eu só tenho mirra , e incenso.

D. C. B.

(Faint, mostly illegible text, possibly bleed-through or mirrored text)

(Faint text at the bottom of the page)

DITHYRAMBO *

A O fulvo solar coche luminoso ,
 Que os fervidos Etontes
 Com impeto fogozo
 Arrastraõ nos purpureos Orizontes ,
 Eu subo , eu subo , que o prazer me instiga ;
 E á Delfica Deidade ,
 Que os Ceos aformozêa ,
 Roubando senhorio , e devindade ,
 Parar farei a rapida Quadriga
 No Zenith d' Ulissea ;
 E o dia triplicando
 Do chãos furdo á filha umbroza , e fea
 Farei do vasto firmamento Etherio ,
 Que as furvas longas azas encurvando
 Frema açaimada no covil Cimerio :
 Quero que Lizia veja
 Que hum triduo , sua dita
 Illuminado o Ceo tambem festeja :
 Eu

* Nas faustas melhoras do Setenissimo
 Principe do Brazil , o Senhor D. JOÃO.

Eu posso , oh Luzos , se a razão me excita ,
 Não só reger os fulgidos Etontes ,
 Deter os Orbes , transplantar os montes ,
 Como também do Solio fulgurante
 De tronar Panomphêo Celi-tonante.

Que o Nume de Niza ,
 Que os tristes alenta
 E d' alma afugenta
 O frio Temor :
 Que a brindes Evantes
 Requesta as vontades ,
 A's mesmas Deidades
 Me faz suprior.

Eia homanos brindemos , brindemos
 A cauza suprema da nossa alegria ,
 De Falerno huma cuba aqui temos ,
 Que ao Nectar excede , q̄ excede a Ambrozia ;
 Eu seja o primeiro ,
 Que audaz , prazenteiro
 Lhe sinta a virtude
 Em honra do Nome
 Do ledo Nizeu
 Empino hum almude :
 E vohe Bassareu.

Eis vão , munifico , Lucido Principe ,
 Eis vão a tua ditoza saude

Tres taças , seis taças , dez taças
 Que alegria ! lá foi a primeira.
 Já posso cantar tuas graças ,
 Já posso com vós lizongeira ,

Briseu cornifronte ,
No bifido monte

A's Pimpleides argutas formozas

Deixar encantadas ,

E fazer , que das mãos engraçadas

As numerozas

Lyras douradas

Lhe caiaõ com pasmo por terra quebradas.

Ouvio da ingenua Lizia

O Ceo benevolo as fervidas supplicas ,

E eis que em socorro do Luzo Principe ;

Que em vaõ luctava co' Mal tiranico

A' terra envia Saude angelica ;

Ao vela a torpe Doença rabida

D' horror solta , famelica

Ceruleas flamas da bocca tabida ;

Posta na frente bellica

D' hum maligno esquadrão d' atrozes Dores

Feyres agudas , Ancias , e Tremores

Investe a Nympha impavida ,

Que neste ensejo de triumphos avida ;

Lhe frustra as iras , lhe agrilhõa os pulsos ,

Faz na caterva sanguinozo estrago :

Foge a vencida Fera ao Estigio lago

Ferrando as prezas nos tendoens convulços ;

E na furna da Morte despiedada ,

Os olhos envesgando

E as verdes crinais Serpes arrancando ;

Se esconde enviperada ;

Canta a Nympha potente os Epenicios

E os Luzos exultando
Aos Ceos offertaõ gratos sacrificios:

D' Evio murmura

Nos enramados

Copos dourados

Roxo licor.

Taças se empinaõ ,

Libaõ-se almudes ,

D' altas faudes

Sõa o fragor.

Venha , venha hum tonel portentozo
D' almo elixir maçaõ triniato borbulhante ,
Que para nosã gloria Epanio ebri-saltante

Em valle pampinozo

Virente , racemozo ,

Tirfigero , bibozo ,

Produz , fozona , ovante ,

Que quero temulento

Tericles * perpotante

Deixar no esquecimento.

Evan Tionio , Evohe.

Da-me desse Tokai mais corado ,
Que a corada papoula , que Ceres semêa
Entre as pallidas messes , que Zefiro ondêa ;

Da-me desse licor afamado

De Champanha , de Chypre , de Chio

Genial , saborozo , fadio ,

Que

* Tericles hum dos mais celebres bebedores , que teve a antiguidade.

Que intento prostrado,
 Cantando este dia,
 Da nossa alegria
 A cauza brindar.

Viva o Magnanimo, o Inclito Principe,
 O Sabio Prudente, Joã o virtuozo,

Viva o Regio Esposo,
 De CARLOTA bella
 Radiante estrella,
 Que benigna augura

A gloria d' Hiberia, de Lizia a ventura:

Porém que sinto em mim?
 Que alegre fernezim

Affalta o peito meu?

Es tu, Es tu? Leneu?

Es tu, Bromio? Evohé!

He elle, amigos, he!

Que de novo a saudar me convida

O benefico Heroe florecente,

Que da vaniloquente

Soberba entumecida

As pulullantes cabeças golpêa,

Que â bifrente Lizonja sopêa

A' Lizonja tiranica Esphinge,

A' Lizonja, que em torno semêa

Dos fastozos palacios, que cinge,

A Cizania, a Calumnia doloza,

A Fraude capsoza:

Mas xiton, escutemos.... evohé

O ecco estrepitozo

D' altifona Thymele

A cujas vozes turbidas , festivas
 Assoma eбри-formozo
 O filho de Semele
 Entre confuzos vivas ;
Mil corimbiferas pallidas Menades
 Gritando , ululando
 Saltando , exultando
 Lhe vem circundando
 O vite-enramado
Carro estridente bijugo , dourado ;
 Que arrastraõ furiozos
Os mosqueados Tigres pressurozos.
 Evhoé Mimalonides , vinde
Vinde Thirsifero rubido Ménoles
 Vinde, vinde , façamos hum brinde
 Almudes libemos ,
 Corêas travemos ,
 Saltemos , dancemos ,
 E alegres brademos ,
,, Viva o magnanimo , o inculto Principe ;
,, Qu' áde arvorar as tremulantes Quinas
 ,, D' Imperios subjugados
 ,, Sobre as fataes ruínas ,
 ,, Vendo a seos pés curvados
,, Climas ignotos , mares insulcados ;
 ,, Ea Lizia armi-potente
 ,, Da septicolle Roma
 ,, Feliz emuladora ,
,, Engrinaldando a torreada frente
 ,, Da rama vencedora
 ,, Fará

5, Fará do mundo tutelar Senhora:

o Mas silencio , outro brinde , mais nada,

Que já titubeo ,

Que já cambaleo ,

Que já tenho cheio

Da celeste Ambrozia rozada ;

O peito , que anhela ;

Outro brinde , que já me esquecia ;

Do Brazil à Princeza formosa

A' formosa CARLOTA , nãis bella

Do que ao raiar do dia ,

De Phebo a percursora radioza ,

De CARLOTA , a quem sempre á porfia

Os Rizos , as Graças ,

Em nitido bando

Lhe estão volteando

O rosto gentil.

Evohe bom Lieu , não me illudes

Para regias , supremas , faudes

Descorado

Naõ me des licor ,

Que não tem valor ;

Mas que imite sim

Na purpurea cor

Ao gentil rubim.

Desse , desse Niçtileu

Que escarlata escuma faz ;

Que envergonha o rubor teu ;

Desse gosto , esse me apraz.

Viva o magnanimo , o inclito Principe

C

Mais

Mais fabio , pio , e justo ,
Qu' Aurelio , Tito , Augusto.
Porém que sinto , Bassareu placido ?
Nublaõ-se os olhos , a terra foge-me ;
Truncaõ-se as vozes , a idea turba-se ;
Cantar os dotes do amavel Principe
Naõ pode a eburnea já rouca Cithara.

Cantores inclitos

Suaves canticos

Lhe entoem fervidos ,

Em quanto eu avido ,

Nas taças fulgidas

Do rôxo Mênoles ,

Lhe faço prodigio

Saudes mil.

P O R

B. M. C. S. T. d S.

aliás

Belmiro Transtagano.

OS LAGAREIROS.

IDILIO.

EM quanto á fresca sombra dos loureiros
 D'esse Academo Bosque, amado Alcino,
 Feres com subtil plectro a lira d'ouro;
 Humas vezes detendo, outras frangindo
 Ruidozos Tufoens, negras Procellas;
 Por hum pouco tirando a mão das cordas,
 Escuta huns versos novos, que cantavam
 Em novo estillo aqui, onde correndo
 Mançamente se espraia o claro Vouga,
 Dois famosos, e fortes Lagareiros,
 Que dentro em meu lagar, as doces uvas,
 Esta fertil colheita, hiaõ pizando.

L A G A R I N O.

Tosco, e rude Bagallio, não reparas,
 Como meches os pés? Acazo penças,
 Que isto he eira de trigo, onde escoucinhaõ
 Outros tais, como, tu sempre rinchando?
 Quem te mete a pizar as doces uvas,
 Se não sabes move. as gordas pernas?

BAGALIO.

Lagarino mordas, e quem te mete
 A criticar aquillo, que não sabes?
 Tomara saber eu, onde tu foste
 Aprender conculcar os negros cachos,
 De que engrinalda a fronte o roxo Bacho?
 Suponho foi talvez n'algum lameiro
 Com teus parciaes Collegas grunhídores.

LIA GIARINO.

Vai-te longe daqui, fuge profano,
 Que já sinto chiar as grossas rodas
 Da carroça velós, onde sentado
 O grande Bassareo c'ó Tirso punge
 As fanhudas Pantheras: Se te apanha
 Neste sacro lugar, no quente mosto,
 Raivozo te mergulha a hirsuta fronte,
 Espinhada por fora, ouca por dentro.

BAGALIO.

Há quem tal ouze ouvir! Hum insensato,
 Hum, louco palrador, que nunca fora
 A's festas Bacchanais Bromias orgias!
 Que já mais celebrou as Antisterias
 No frugífero Outono, ou as primicias
 Das vinhas foi levar, croado de era,
 Em cabazes de murta ás Santas Aras

Do

Do grande Nicfileu, falar se atreve
Em couzas que não sabe! Ah se não cerras
Lagarino mordas, a infame boca
Saboè clamarei, e verás logo.
Como cede a meu canto, e te castiga
O Sacro Bassareu, o roxo Bromio.

L A G A R I N O.

Inda esta me faltava! Há quem tal diga?
Pois tu sabes cantar Bagallio infano?
Em que lugar cantaste, ou em que festa
Ao rouco som dos roucos atabales
Com suave cadencia repetindo
Evohé, Nicfileu, Dionizio, Jacco?

B A G A L L I O.

Sempre és enredador. Já te não lembra
Das passadas vindimas do outro outono,
Quando croado d'era, e verdes parras,
Com hum Tirso na mão entrei nas festas
Do sacro Nicfileu, todo cuberto
D'uma pelle de Capro gadelhuda,
Onde venci cantando quantos foraõ
Celebrar as alegres Antisterias?
Não te lembras preverso, Lagarino,
Q' em prémio, da victoria as alvas Ninfas
Me fizeraõ sentar sobre huma pipa,
Enfeitado de pampanos, e rozas?

L A G A R I N O.

Já me lembra Bagallio , foi na tarde ,
 Em que , saltando muito por tres vezes ,
 Estiraste esse corpo no terreiro :
 E que a terceira vez escorregando
 Cos focinhos , pregar fofo sem tino
 Na pipa , a que meteste os tampos dentro ,
 A cujo estrondo a chusma das Bacchantes
 Longo tempo com susto andou dispersa.

B A G A L L I O.

Naõ : antes , foi na tarde , em que ajustaste
 Hum grande cesto d'úvas com Cepalio
 Sobre salvar de hum pulo a larga tina ,
 Que no terreiro estava das Orgias ,
 Chea d'almo licôr toda enramada ,
 Aqual indo a saltar de hum largo pullo ,
 Fizeste no ar tão fina cabriola ,
 Que de chapuz cahiste dentro della :
 Onde por largo espaço mergulando
 Afogado te viste em mar vermelho ,
 Sendo o rizo de todos na floresta.

L A G A R I N O.

Sempre foste , Bagallio , author d'enredos ;
 Mas se tens presumpção de experimentarte ,
 Vimio será Juiz , vê o que apostas.

B A G A L L I O

O Mundo vai perdido ! quem diria ,
 Q' aos doces rouxinoes os negros corvos
 Ouzassem provocar a desafio ?
 Mas eu farei , vaidozo Lagarino ,
 Que te arrependas hoje , e que conheças
 Qual differença vai do juncó ao tronco ,
 Que cingido de vides ramalhudas
 Sustenta os negros cidreirinhos cachos.
 Vês de verga miúda de mil cores
 Por habil mão tecido este cestinho ,
 Qu' em labores futis de hum lado mostra
 Sacrilegos gigantes , temerarios
 Q' ouzados penção cumulando montes
 Tirar o Throno a Jupiter Sagrado ?
 Pois este o premio he ; repara como
 Sobre elles se aremeça o forte Bacco
 Transformado em leão , e os despedaça
 Vibrando as curvas lascerantes garras.
 Olha d'estoutra banda como ouzado
 Sobre hum carro triumphal , q' Tigres puchão
 Por entre grossos cedros , e palmeiras ,
 Precedido das Menades raivozas ,
 Vermelhos Indios vai avassalando.
 Attenta neste lado , olha este rancho
 De capripedes fatiros saltantes ,
 Q' em torno vão de hum velho galhoseiro
 Barrigudo , caprino , orelhi-lungo ,
 Que monta n'um jumento , a cujos zurreos

Cer-

Cerrados esquadroens vagaõ dispersos.
 Olha que premio ganhas , se a fortuna
 De teu lado estivesse agora infano
 Vê tambem o que apostas : logo logo
 Entremos sem mais fleuma na contenda.

L A G A R I N O .

Muito gabas teu cesto ! Acazo penças
 Que não ha outra couza ? Pois attento
 Repara nesta concha , em que pintado
 Tambem Bacho se vê de era cingido
 Os cachos espremendo em vazo de ouro.
 Olha como os Bassarides em roda ,
 Como as moças Canephoras , saltando
 Em brindes Bacchanais , tocaõ as taças.
 Repara como vão loucas vestidas
 Com seus ramaes de perolas finissimas ,
 Croadas de era , e parras dando ao vento
 As compridas madeixas semeadas
 De pequenos jasmins , de brancas rozas.
 Olha a chusma de fatiros bicornios ,
 Que os retorcidos buzios vão tocando
 Em torno deste Altar ; onde enramado
 Tem para o sacrificio hum negro Bode :
 Ve mais com que destreza o subtil Mestre
 Ao longe o mar pintou , onde hum Xaveco
 De barbaros Piratas se deviza ,
 Que o grande Bassareu levaõ cativo.
 Mas olha agora em fim como espantados

Da

Da vista de hum Leão, que os acomete
 Por cima do convés, vibrando as garras,
 Em confuzo torpel ao mar se lançaõ;
 Onde em Delphins ceruleõs se transformão.
 Com tanta perfeiçaõ, couza mais bella
 Já mais tosco Bagalio terás visto!
 Não isto não pintaraõ mãos profanas,
 De devinos pinceis, foraõ os toques
 A' foz do nosso Vouga sobre á Area
 A lançou a maré; ali achada
 Foi por Marino, a cujo dei em troca
 Hum copo de marfim, orlado de ouro.
 Olha que raridade não alcanças,
 Se fores venturoso, ávia, vamos
 Depozita o teu cesto, eis-minha conxa:
 Seja Vimio Juiz, ou qualquer outro.

B A G A L I O.

Pobre doido, coitado! Eu te protesto
 Que logo te arrependás. Vimio toma
 Os premios da contenda, e nosso canto
 Escuta agora atento, que a sentença
 No fim profiras, igual, e recta.

V I M I O.

Principiai famosos Lagareiros
 O doce canto alterno, em quanto ferve
 O cheiroso, balsamico, bagasso,

Sol-

Soltai as brandas vozes , que deleitaõ
 O Devino Eleleõ , que as tortas cepas
 Este anno carregou de ferteis gomos.
 Principia primeiro Lagarino ,
 Tu Bagalio , depois • hirás seguindo.

L A G A R I N O .

Evoé Bassareu , alegre escuta
 Os brandos versos meos , q' os teus louvores
 No mundo espalharei ; meu canto inspira ,
 Para que o vil Bagalio hoje conheça ,
 Qu' eu só posso cantar os teus misterios ;

B A G A L I O .

Saboé , Niçtileu , tu que fustigas
 Co' verde Tirso , os remendados Tigres ,
 Que puxaõ em galoens teu carro , atende
 Os versos , que te dou ; em quanto faço
 Raivar del inveja o rude Lagarino .

L A G A R I N O .

Ah suspende , Bagalio , não profigas
 No descomposto som ; porque espantados
 De taõ desconcertada gritaria
 Os mais rústicos satiros caprinos ,
 Pondo as mãos nos ouvidos , pelas covas
 Em confuzo tropel se vão metendo .

B A G A L I O .

B A G A L I O.

Oh quanto melhor he ouvir no Inverno
 Mil verdes roucas rans palrar n'um xarco;
 Que ouvir de Lagarino o canto agreste!
 Ah! calate, infensato, antes que em terra
 Com teus rispídos eccos cahir faças
 Este triste lagar, que tanto affustas.

L A G A R I N O.

Alcino, a quem as Tagides formozas
 De verdejante alga a fronte cingem,
 Meus versos ama, e preza. Vós famosos
 Destros vindimadores do contorno,
 Hum verde altar, lhe erguei, honrai seu nome.

B A G A L I O.

Porém a mim Belmiro; a quem as Muzas
 De Corinthio metal, levantaõ bustos,
 E o roxo Bassareu, a Taça liba,
 Gosta de ouvir meu canto. Vós Bassarides
 A fronte lhe cingi de louro, e parras.

L A G A R I N O.

Quem préza o canto teu, melico Alcino,
 Carregar veja, de fechados cachos
 As tortas cepas suas; no almo Outono
 Lhe trasbordem de vinho as largas tinas. BA

B A G A L I O.

Quem não honra, Belmiro, a tua Lira,
 Em negra gralha convertido seja:
 As suas vinhas de pulgaõ se cubraõ,
 Roidas sejaõ de malditos capros.

L A G A R I N O.

O' bis-nascido Deos, que abrolhar fazes
 As grossas vides, onde a vista lanças:
 Alegre em meu basselo põem os olhos,
 Que entaõ sempre terei fertil colheita.

B A G A L I O.

O' famoso inventor do doce Bromio,
 Que ensinaste aos homanos a vendima,
 Derrama em meu lagar o licor sacro
 Da taça, que sustens na dextra ufano.

L A G A R I N O.

Quam doce não he ver, por este tempo
 Estar fervendo o mosto nos lagares,
 Levantando o fumifero bagaço,
 E ter de roxo fumo as pernas tintas!

B A G R I O.

Quanto nesta estação ouvir me alegra
 Chiar dos carros as ferradas rodas
 C'ò pezo da vendima, quanto gosto
 De ver calibrar diffrentes vinhos!

L A G A R I N O.

Loura Ceres, levanta a curva fouce
 Faze fugir os pardos gafanhotos
 E os daninhos patdaís, que debulhando
 Nas fearas me vão o louro trigo,
 A abundancia derrama em minhas leiras:
 Augmenta-me a colheita, que eu prometo
 De douradas espigas, e papoulas
 Cingir teu rico altar nas Cereaes festas.

B A G A L I O.

Frugal Pomona, livra os meus Pomares
 Dos passaros iniquos, afugenta
 As bespas, e as abelhas, que sucando
 As uvas moscateis, me vão nas vides:
 Os frutos que me das, Deuza defende,
 Proteje as minhas arvores, que eu juro
 Formar-te huma capela guarnecida
 De ginjas garrafaes, peras, e rozas.

L A G A R I N O .

Vem Viminia gentil , e a vós foltando
 Suspende com teu canto o claro vouga
 Corre , ó Ninpha formosa , que dezejo
 Ver circundarte a chufma das Napeas ,
 Suspenfas dos acentos , que fupremdem
 Difperfos pelo ár fevos dezejos.

B A G A L I O .

Ah! Parralia travessa , onde te escondes ;
 Que a terreiro não fahes pulando airoza !
 Vem ó Ninpha gentil no rofto bello
 Deixa embora cevar olhos famintos.

L A G A R I N O .

Aferrolhem embora o metal louro
 Avarentos Hidropicos , que eu vivo
 Com pouco cabedal , ao lado tendo
 Minha amada Viminia , fou ditozo.

B A G A L I O .

Entre Mares revezos fuftos fofra
 O Mercador avaro , que eu não temo
 Na minha pobre choça com Parralia ,
 Sentado ao pé do lar , Tufoens do Inverno.

L A G A R I N O.

Prezumido Bagalio , já dezisto
Do premio , da contenda , se dices
De quem a théa era , que o famoso
Bassareu transformou em lentas vides !

B A G A L I O.

Dize-me Lagarino , e já te cedo
O louro da victoria , quem primeiro
Com a Taça na mão , cingido de era
A Bacco decretou honras divinas.

L A G A R I N O.

De quente mosto , em honra tua empino
Evoc Nictileu ; oh ! como he bello !
Que Nectar ! Que Ambrozia ! outra vez encho
E de Alcino em louvor hum brinde faço
Alcino das Cytherides delicias ,
Que leva atrás da Líra arrebatados
Incensiveis penhascos , duros troncos.

B A G A L I O.

Tambem em teu louvor , Brifseo divino ;
Encho , e bebo esta taça. Oh ! Que suave
Balsamico licor ? Evôé repito . . .
Sacro Padre Leneo , renovo a taça.

Hum

Hum brinde outra vez faço ; agora empino
Em honra de Belmiro mas que fogo !

As orelhas me aquece , e abraza as faces !

Qu' impulso sinto em mim ! que furor santo

Sobre as nuvens me sobe ! onde me elevo !

Mas que brilhante scêna se me offresse !

Por entre a densa nevoa do futuro

A hum fertil vasto monte subir vejo

Sobre as azas dos ventos de mãos dadas

Hum rancho de Pastores , a quem cingem

Nove Ninfas gentis de louro as fronte.

E que mulher será também aquella

Vestida de armas brancas , que sustenta

Sette montes ufana na cabeça ?

Que exulta de prazer , em quanto sobem

Aquelles sabios Vates , que escarnecem

Hum velho , que batendo as longas azas

Vai correndo tras delles ; mas que irado ,

Por ver que se lhe fojem , nos joelhos

Parte huma curva fouce ? Eis pela Terra

Vejo rojar também dois feios Monstros

Toucados de Serpentes ; hum remorde

Tres serpes , que na mão tras enroscadas.

Outro em polga hum punhal em sangue tinto

Mas quem esta será , que os ares fende ,

Olhos toda , tocando huma aurea Tuba ?

Huns nomes repetindo , a cujas vozes

Mil Ninphas alevantaõ sobre as aguas

Do aurifero Tejo , os brancos collos ?

Porém que luz celeste me circunda !

Que

Que Devino mancebo ago a vejo,
 Sentado em rico folio de safiras!
 Em seus braços alegre recebendo
 A sabia companhia, e q̄ = *Vimio* suspende?
 Onde voas Bagalio, inneciado
 De taõ altos misterios! Ah! detem-te,
 Não profigas no canto, que os profanos
 São indignos de ouvir couzas taõ grandes:
 Toma a conxa, gentil Bagalio, toma
 Justo premio de teu immortal canto,
 Que ferá respeitado em nossos campos,
 Em quanto houver no mundo Lagareiros,
 E Baco carregar de uvas as vides.

Francelio Vouguence.



A AMIZADE

ODE.

Embora corte os alterosos Mares
 Possante armada, que amedrenta os Eurros,
 Que sobre o campo de entufada espuma
 As Cidades aterra.

Embora as negras bocas vomitando
 Subitas chamas, em negrume horrendo
 O Ceo occulte, o alarido ablorva
 Dos mizeros soldados.

Em quanto o General ardendo em ira
 Terrifico bradando ao som da morte,
 Valor inspira nos expostos peitos
 Dos tristes, que peleijaõ.

A Guerra insana dardejando globos
 Em ferreo carro sobre os ares cruza
 E os ignivomos grifos açoutando
 Afusta o mundo inteiro.

Leva pendente do cruento braço
Negras balanças em que as vida peza ;
E fobre a dextra carrancuda arvôra
Aficalado gume.

Dos mizeros mortaes a forte infausta
Vaga no turbilhaõ d'acerbos malles
Aqui , e alli despede a horrenda fouce
Os fios devastando.

Todos curvados fluctuando giraõ,
Trazendo aos hombros a cruel desgraça ;
Fufca illuzãõ dezenrollando as azas
Lhes tapa os frouxos olhos.

Por altos cerros tropeçando rólaõ
Sem que esmoreçaõ no fatal conflicto ;
Só vendo o abyímo a recebellos pronto
Pálidos estremecem.

Sancta Amizade , tu me acolhe affavel ;
Junto a teu lado vivirei contente ,
Rafgando a venda , com que a vista illudem
Os vicios , e as torpezas.

Leocacio Melpomineo.

CANÇONETA
DITIRAMBICA.

A Gora que o carrancudo
Inverno as aguas congela,
E o corpo o frio enregela;
Vamos as mãos aquentar,
O fogo lança Marilia,
A's vides, que fui podar.

Das rebordans aloiradas,
Q' hoje apanhei na deveza,
Pois temos fogueira aceza,
Faze um magusto no lar;
Que do Moscatel cheirozo
Já fui da Cuba tirar.

Enche esse pucaro, e bebe,
Então, que tal he o gosto?
Tornou-te vermelho o rosto?
Já te não vejo tritar.
Repara bem não te faça
A'roda a cabeça andar.

Torna a encher , bota dentro
 Essas castanhas assadas ,
 Q' eu tenho alli descascadas.
 Naõ vez o licor chiar ?
 Lá vai : que sabor divino !
 Que doce fica o padar !

Ah ! Que este balfamo pode
 Tornar loucaõs , e corados
 Curvos velhos engilhados :
 Este fim que pode dar
 Aos hirtos de frio vida ,
 E o sangue as veias tornar.

Mas que ouço ! Zunem os ventos
 Em opostos furacoens !
 Rebombaõ roucos trovoens
 Arrebentando no ar !
 Por entre as quebradas telhas
 O Raio vejo serpear !

Temerosas dos estrondos ,
 Assustadas das Sentelhas ,
 As nossas prenhes Ovelhas
 Veremos hoje abortar :
 E toda a fruta cahir
 Do nosso pobre pomar.

Porém embora desfeche
 Contra mim a vil Desgraça ;
 Q' a balla mortal embaça
 No meu peito sem varar :
 Pois quando bebo , não temo
 Terra , Vento , Fogo , e Mar.

Que sabor ! Porém que he isto ?
 Vejo como por peneira !
 Terei nos olhos poeira ?
 Co' a mão os quero esfregar.
 Mas peor mais do que o corpo
 Sinto a cabeça pezar.

Ah ! Que se outra vez Elmano
 Eu vir com Belmiro em guerra
 Sobre andar o Sol , ou Terra ;
 Eu protesto sustentar ,
 Q' anda a terra , porque a vejo
 A' roda comigo andar.

Se eu agora fosse Rei
 Que de coizas não faria ;
 Huma torre mandaria
 Neste sitio edificar ,
 Taõ alta que em a subir
 Hum anno havia gastar.

Faria huma grande adegã,
 De comprido com dez milhas,
 Seriaõ de outro as vazilhas,
 De ouro feria o lagar,
 Teria arados de prata
 Para os meus campos lavrar.

Faria em honra de Baco
 Erguer hum Templo rotundo,
 Que assombro fosse do mundo,
 Onde a gente além do mar
 As alegres Antisterias
 Vieffe alli celebrar.

Faria porém que digo?
 Hora estou bem carregado:
 Este vinho endiabrado
 Fez-me a cabeça esquentar
 E com fantasticas ditas
 Mesmo acordado sonhar.

Tú cambaleias, Marilia,
 Tambem estás embriagada?
 Bebeste de mais, coitada,
 Fez-te o juizo voltar?
 Durma-mos pois que do frio
 Soubemos hoje triunfar.

Francelio Vonguense.

CANÇONETA *

N° Hum fresca manhã bella,
 Qu° Aurora o campo aljofrava
 Da choça minha eu fahia ;
 E o manso gado levava
 A pascer na relva fria.

Doces Cançoens numerosas
 Hia traçando na idéa
 Contra Amor , e seus enganos ,
 Para cantarem na Aldea
 Comigo os outros Serranos.

Eis-que d'hum bosque de murtas
 D° Armania á choça vezinho
 Vejo fahir pressurozo
 Hum travesso rapazinho ;
 Mas de gesto magestozo.

Rou-

* Premiada pela Academia Real das Sciencias na Sessão de 12 de Maio de 1791.

Rouxa venda a luz dos olhos
Com tres voltas lhe roubava ;
Nas mãos hum arco trazia ;
E ao lado em formoza aljava
Cruéis farpas embebia.

„ Tenro menino , lhe brado ;
(De velo com dó infindo)
„ Deste frio não tens medo ?
„ Guarde-te o Ceo , como hes lindo !
„ Quem hes ? onde vas tão cedo ?

„ Quem sou , bem sei que não sabes
„ Sim , que se acazo o foubesses
(Me responde enfurecido)
„ Pode ser que não tivesses
„ De mim tanto escarnecido.

„ Pois sabe , que eu sou aquelle
„ Que tira , e dá liberdades :
„ Todos em meos ferros gemem ,
„ Uno , e defuno as vontades ,
„ E os mesmos Numes me temem.

„ Agora , onde vou , espera
„ Vello-ás ,, nisto acestando
Aureo passador fulgente
Vem para mim caminhando
Com torva sombria frente.

„ Rapaz travesso , lhe digo ,
 „ Onde vens ? o que proferes ?
 „ Quem sou conheces mui pouco ;
 „ Ora vai-te , senão queres ,
 „ Que te mostre o quanto és louco .

Mas pé atrás nisto pondo ,
 Faz-me ao peito pontaria ,
 Despede o virote ervado ;
 Em cuja farpa trazia
 D' Armania o nome gravado .

Meu coração atravessa :
 Salta a borbotoens o fangue :
 D' amor o poder conheço ,
 E a seus pés , já quazi exangue ,
 Humilde socorro peço .

Mas de meus rogos zombando
 „ Onde estão teus ameaços
 (Me diz com vóz mofadora)
 „ Feri-te , não tens dous braços
 „ Chega a mim , vingate agora .

Só com truncados soluços
 Lhe respondo , e o Deus tirano
 Lançando-me atrozes ferros
 Profegue : „ ouve audaz humano
 „ A sentença de teus erros .

„ Ama-

„ Amarás , envolto em magoas ,
 „ Armania , por teu castigo ,
 „ E nesta paixão penoza
 „ Já mais a-verás com tigo
 „ Sequer hum hora piedoza.

„ De teus rivaes adulada
 „ Geral desprezo affectando ;
 „ Zombará dos teus queixumes ,
 „ Expondo teu peito brando
 „ As mãos de crueis Ciumes.

„ Quer vendo-a , quer della auzente
 „ Não dará fim teu tormento ,
 „ Que te instará sem piedade ;
 „ A' vista , o zello cruento ,
 „ Auzente , a cruel faudade.

Disse , e quando vou pedir-lhe
 Lenetivo a meus pezares ,
 As leves azas soltando
 Me foge veloz ; nos ares
 Brillhante rasto deixando.

A fascinante desgraça
 Vem a pos do meu tormento :
 Meu grado trigo emmurchece ;
 Nem curo do pobre armento ,
 Que á mingoa todo engaféce.

Deſta forte amando fico
Armania, entre magoa immenſa,
A qual caprixa inhumana
De ſer da cruel ſentença
Executora tyrana.

Por

B. M. C. S. T. d. S.

entre os Arcades

Belmiro Tranſtagano.



CANÇONETA.

Vendo o perverso vendado
Que os Mortaes o conheciaõ,
E que seus ferros cruentos
Já pouco estrago faziaõ.

N'um frondente alegre Bosque
Deixando os farpoens ervados
Converte em louras Abelhas
Os lindos crueis vendados.

No touco d'um freixo antigo,
Que a fronte no Téjo espelha,
Aloja o formozo enxame,
Tambem mudado em abelha.

Já com sonoro fuçurro,
Sobre os vergeis, sobre as flores
Fazem mil tremulas voltas
Os pequeninos Amores.

Já louro mel se fabrica,
Agro ao peito, doce aos labios,
E dentro se lhe misturaõ
Mil encantos, mil amavios.

Já por todo o Bosque as plantas,
Da nova chusma picadas,
Tacitas queixas difundem,
Humas d'outras namoradas.

Já tudo a Amor vota insensos,
Já tudo em amor se inflamma,
Só Laura inda vive izenta,
Só Belmiro inda não ama.

Mas como no mundo o Fado
Perpetua paz não consente;
Quiz que seus peitos flexiveis
Suspirassem mutuamente.

Hum dia, que descuidado,
Belmiro apanhava flores,
Foi subtilmente ferido
Por hum dos crueis Amores.

D'improvizo occulta força,
Seus ligeiros passos guia,
Onde Laura, a doce Laura,
Verde grinalda tecia.

Hum molho de rouxos lirios
Offerta a Ninfa mimoza,
Que sobre o lindo regaço
O faz cahir desdenhoza.

Mas hum Amor q' escondido
 Hia no ramo virente,
 Voou, zumbio, e no peito
 Lhe imprime o ferraõ pungente.

Eis qu' os negros vivos olhos
 Emprega Laura em Belmiro,
 E arranca por elle ancioza
 D' alma hum ardente suspiro.

Dize tu frondente Olmeiro,
 Dize os votos duplicados,
 Que os dois amantes fizeram
 Dos ramos teus abrigados.

Repete os ais, que lhe ouviste,
 E os transportes de ternura,
 Daquellas almas sensiveis,
 Dignas de melhor ventura.

Já potente occulto laço
 Seus dois coraçãoes prendia,
 Laura a Belmiro adorava,
 Por Laura Belmiro ardia.

N'uma fresca madrugada,
 Em qu' ao Bosque ambos firaõ,
 D' amor o formozo enxame
 Entre huns ramos descobrião.

Seus doloſos favos doces
Incautos ambos creſtaraõ,
E o louro mel ſaborozo,
Immenſas vezes libaraõ.

D'improvizo a maõ do Fado
Nubla ſeus rizonhos dias,
E chovem ſobre ſeus peitos
Suſtos, magoas, agonias.

Ah! Fugi triftes humanos,
Fugi do cruel vendado;
Que ſeu mel, ſeus favos doces,
Tem veneno refinado.

Belmiro Tranſtåg:

Quando a rigida d'hum zimbro
Teus membros oſtos preſionava,
E o teu nome, ſubindo
Teus membros oſtos preſionava.

V
Com vifozos
Teus membros oſtos preſionava,
E o teu nome, ſubindo
Teus membros oſtos preſionava.

V
Quando a rigida d'hum zimbro
Teus membros oſtos preſionava,
E o teu nome, ſubindo
Teus membros oſtos preſionava.

O F A U N O

I D I L I O .

I.

HUma Naiade bella desdenhoza,
As atreas tranças penteava hum dia,
Na margem d'uma fonte deleitoza.

II.

A sombra que dos Alamos cahia,
O sopro d'um Favonio lizongeiro,
Do intenso ardor seus membros deffendia.

III.

Occulto a vigiava d'hum vimeiro,
Fauno, campestre Nume, suspirando
De seus brilhantes olhos prezoneiro.

IV.

Com viçozos jasmims de quando em quando
Lhe a tirava, que n'agoa transparente,
Hiaõ tremulos circulos formando.

V.

A Naiade mimoza erguia a frente,
E a huma, e outra parte de assustada
Volvia os garços olhos deligente.

VI.

Solta Fauno de gofio huma rizada,
E d'hum palo se esconde a Ninfa bella
No liquido cristal sobrefaltada:

VII.

O Fauno salta em seguimento della
Deitando-lhe subtis seguros laços,
Porém não poude conseguir prendella.

VIII.

Depois ora nas agoas mete os braços,
Ora com meiga vóz a dezafia,
Ora fica escutando alguns espaços:

IX.

Mas vendo que assim nada conseguia,
Torna a esconder-se n'um vergel frondoço,
Por ver se a Nimpha sem temor sahia.

X.

Dali fitando a orelha cuidadozo
D'agua os olhos não tira, e pranto exala
Contra o motim das aves, de raivozo.

XI.

Mal respira temendo amedrentala:
Thé qu' impaciente de tão longa espera,
Descendo á fonte, desta forte falla.

XII.

Nimpha cruel , tão linda como fera ,
Surge d'agua outra vez por hum momento ,
Com teu semblante meu pezar modera :

XIII.

Ah se te escondes por me dar tormento
Afaga-me , depois torna-te esquiva ,
Que assim me farás damno mais violento.

XIV.

Contra mim te aconselho , que he tão viva
Minha paixão , que em troco de lograr-te
Sofrer não temo pena mais activa.

XV.

Acazõ he culpa , dize , idolatrar-te ?
Se maltratas quem faz por ti finezas ,
Que farás Nimpha a quem quizer matar-te ?

XVI.

Naõ sei porque motivo me desprezas :
Por ti peno , por ti me inundo em pranto :
Julgo ser gosto de fazer crupezas.

XVII.

Naõ sou tão feio , que te cauze espanto ;
He meu corpo membrudo , he vigorozo ,
Danço a compaço , com doçura canto :

XVIII.

D'olhos pequenos sou, d'olhar fogozo;
D'hirros anneis o meu cabello he cheio,
Sou cornifronte, bem talhado, airozo;

XIX:

Mas se inda me desprezas por ser feio,
Vê que a filha gentil da espuma fria
Do Deos mais torpe a ser espoza veio.

XX.

O Ceo não deixa impune a tirania,
Anaxarete em pedra não mudara
Se ás magoas d' Isis atendesse hum dia.

XXI.

Quem me dera que o mesmo o Ceo uzara
Comtigo, oh Nimpha; porq' entao meu pranto,
Como as pedras abrandã, te abrandara.

XXII.

Se na Libia nasceste, não me espanto,
Que folgues de cauzar crueis pezares,
Mas se não, como podes fazer tanto?

XXIII.

O que perdes prevê, se malograres
Hum amor tao fiel, tao verdadeiro,
E o que lucras tambem, se me adorares!

XXIV.

N'humas das fragas daquelle amplo outeiro
Se entranha a gruta minha coroada
De fresca murta, flórido azareiro.

XXV.

Ali sobre meus braços reclinada,
Se terna ouvisses os meus ais vehementes,
Podéras Nimpha ter feliz morada.

XXVI.

As Parreiras c'os Alamos frondentes
Lhe tecem fresco pavilhão viçozo,
Que a livra das crueis calmas ardentes.

XXVII.

De verde Acanto, de Alecrim cheirozo
Se alastra o chão; à porta vive atado
Hum Zefiro, que adeja pressurozo.

XXVIII.

D'alta roxa hum ribeiro despenhado
Manso lago lhe vem formar diante,
De vimes, e de canas sombreado.

XXIX.

No ramo o terno rouxinol velante
Com grogeos subtíz dali s'escuta
A pena divertindo à triste amante.

XXX.

De caça, e peixe abunda a minha gruta,
E em molle colmo n'hum recanto interno
Guardo encamada faboroza fruta.

XXXI.

Ruge-me prezo contra o frio inverno,
Que as carnes corta, os membros enregela,
Em rica talha, salutar Falerno.

XXXII.

Não, no mundo não vez outra mais bella!
Muitos amigos meus ma' tem gabado,
Deu-ma Silvano, e Pan bebeu por ella.

XXXIII.

Bromio rizonho alli se vê gravado
Junto de larga, corpulenta Dorna
Libando hum côpo de cristal dourado.

XXXIV.

Nimpha loucãa, que d'era a fronte exorna,
Quer furtar-lho, e parece que às rizadas
Por cima o vinho, com puxoens, lhe entorna:

XXXV.

Ve-se tambem nas ondas azuladas,
Cypria, regendo em concha de mil cores,
De rozas manfas Pombas arrecadas:

XXXVI.

Verdes Tritoeus às costas e'os Amores,
De roda as leves caudas meneando,
A' Deoza os olhos pisção brincadores.

XXXVII.

Ve-se o cazo de Daphne miserando
(Menos dura que tu) e doutra parte
Mil scenas d' Amor fero , e d' Amor brando.

XXXVIII.

Tudo teu he , não tenho mais que dar-te ,
Que o mesmo terno coração , que tinha ,
Perdi no instante , que cheguei a olharte.

XXXIX.

Não te apanho , segura a mim caminha ,
Vem ver se pulsa , a mão põe no meu peito
Verás , qu' isto não he fabula minha.

XL.

Não sei não , que mais faça a teu respeito ,
Só se queres que às mãos de mal vehemente
Acabe a vida em lagrimas desfeito.

XLI.

Se isto he teu gosto , morrerei contente :
Mas vê , que de teu genio hum padraão deixas ,
Qu' hade infamar teu nome eternamente.

XLII.

Nada, nada te abrandão minhas queixas:
Ah qu' ou debes estar petrificada,
Ou a feus echos teus ouvidos feixas.

XLIII.

E's mais corada, que a romã corada;
Mais alva, que o jasmim; tens mais belleza,
Que a rouxa Aurora na manhã dourada.

XLIV.

Mas que Tigre ha tambem com tal fereza;
Que se iguale contigo, ou rocha dura,
Que tenha, como tens, tanta dureza.

XLV.

Affim clamava cheio de ternura
O triste Fauno, a voz antropolando;
Com lugubres gemidos de amargura:

XLVI.

A fonte hum pouco esteve contemplando
Com gestos mil, depois n'agoa infrodo.
Mete de novo os braços titubando.

XLVII.

Mas vendo o fructo de seus ais perdido;
Convertendo em furor suas finezas,
Clama outra vez, desta arte embravecido.

XLVIII.

Sobre ti chovaõ (já que assim desprezas,
Ingrata Nimpha, meus fieis amores)
Negras desgraças , languidas tristezas.

XLVIX.

Nas margens tuas não rebentem flores ;
Turbem-te as agoas serpes venenozas ;
Livrem de ti seus gados os Pastores.

L.

Naõ cantem neste sitio aves faudozas ;
E amorte enrede , por maior castigo ,
Com quem te cauze mil paixoens zelozas.

LI.

De todos horror sejas . . . mas que digo ?
Eu mesmo que te amei taõ terno , e brando ,
Já me desprezo de fallar contigo.

Disse , e bramindo os pés aligeirando ,
Se embrenha por asperrimos abrolhos ,
As lagrimas raivozas alimpando ,
Que lhe ferviaõ nos irados olhos.

Belmir. Transtag.

Ao ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELLENTÍSSIMO
 SENHOR
 JOZÉ DE VASCONCELLOS
 E SOUZA.

O JARDIM.

A Fresca sombra d'hum serrado bosque ;
 Onde por alvas pedras murmurando
 Hum tremulo Ribeiro se escutava ;
 Saudozo de Anacrina as louras tranças,
 Ao som da grata lyra descantava.
 Quando sobre hum velóz doirado carro,
 Que seis Aguias tiravaõ pelos ares,
 A Deusa dos Jardins se apresentava
 A meus cançados lacrimosos olhos ;
 Candidas flores, pudihundas rozas,
 Adornavaõ-lhe em torno a nivea fronte,
 De Goivos, e Jasmins festoens compridos,
 Os fulgidos cabellos lhe enastavaõ ;
 Batendo as redeas às pompozas Aguias,
 Entrava pelo bosque florecente,
 E descendo ligeira do aureo carro
 Desta sorte risonha me fallava.

Cançado vate do bicornio Pindo
 „ Que a pár do Cintio Nume sonorofo ,
 „ Na juvenil idade tens bebido
 „ Da clara linfa do Helicon sagrado ;
 „ Tu que afinando a Cithara dourada
 „ Do Illustre Vasconcellos tens cantado
 „ Acçoens famosas , com eburneo plectro ,
 „ E dezejas rasgando os leves ares ,
 „ No Sacro Templo da Immortal memoria
 „ Entre os Heroes gravar seu Nome Illustre ;
 „ Não consintas , ò Vate , não consintas ,
 „ Que ás letargicas ondas sonolentas
 „ Entregue fique deste Heróe preclaro
 „ A doce habitação , que me dedica.
 „ A ver estes floridos novos prados
 „ Comigo agora deligente parte ;
 „ Onde mostrando-te os diversos planos
 „ As sublimes figuras , as Cascatas
 „ Por cem partes a terra borrifando ,
 „ E imagens verdadeiras concebendo ,
 „ A decantar comeces o que imploro „

Acabou de fallar. Tomando as redeias
 Me conduzia com semblante ledo
 A seu carro veloz , qu' alegre subo ;
 C'ò longo açoute nas formozas Aguias
 Dando hum sonoro estaio ressoante ,
 Aligera partio abrindo os ares :
 De zefiros lascivos mil falanges
 Em torno d'alva Deoza revoando

Das brancas plumas sobre o aureo carro
Lançavaõ ledos desfolhadas rozas.

Da grande Elizía sobre os duros hombros,
Num sitio ameno d' arvores bordado
Sumptuozo Palacio se alça as Nuvens,
De famoza extructura fabricado;
Onde o Calheta Illustre, em paz serena
Sobre longas varandas, frescas tardes
Do calmozo veraõ contente gasta,
Ao lado junto da conforte amavel,
Cujas virtudes no estelante Olimpo
Sentillaõ entre as lucidas Estrellas.

Aqui soberbas as pompozas Aguias
Tocavaõ levemente a terra dura;
Quando a Deoza descendo do aureo carro,
De hum famozo Jardim a porta entrava.
Já de vivo dezejo afervorado,
Por espaçoza escada a vou seguindo.
Eis-que subito vejo hum largo plano
De tortas eras guarnecido em torno;
Alva donzela de prazer tingida,
Douradas horas consumia em jogos.
Ao lado oppolito n'uma funda gruta
Sonora fonte murmurar se ouvia.
Sobre pilastres de hum, e d'outro lado,
Diferentes figuras se mostravaõ.
Venus formosa de huma parte estava,
Qual o mancebo Paris ledo a vira,
Quan-

Quando na Idalia selva o Pomo d'ouro
 A Sentença lançando-lhe entregava.
 O potente Neptuno ali se via
 C'ó asperrimo Tridente repremindo
 Os ceruleos Cavallos espumantes.
 D' outro lado Plutaõ soberbo estava
 Sobre o ferreo Bidente reclinado ,
 E a seus pés o latrante Caõ trifauce.
 Pouco distante Juno se avistava
 Olhando com inveja o aureo Pomo,
 Que a linda Venus entre as mãos sustinha!
 Porém daqui voltando a Deoza os passos
 Larga escada subia. Eis outro plano
 Habitação dos ledos Passarinhos,
 Que sonoras endexas modulando,
 Tornar fazião aos meus olhos tristes
 Da candida aiegria a imagem bella;
 Além soberbo portico mostrava
 Espaçoza , aplainada , longa rua ;
 Sombrios Freixos , Alamos copados
 Hum e outro lado ornavaõ florecentes.
 Ao longo huma cascara se avistava
 A' dura terra em borbotoens lançando
 Serenas aguas do escarpado seio.
 Aguia soberba de Paiz estranho
 As brancas azas sobre o cume abrindo
 Do denso bosque a sombra procurava.
 Ficava ao lado esquerdo alto mirante
 De figuras diversas adornado ,
 D' onde espalhando-se a cançada vista

A grande Elizia em torno se descobre ;
 Ao dextro a Deoza toma. Eis larga escada,
 Frondozo novo plano patenteia.
 Vistozos arcos de engraçadas flores ;
 E as estaçoens do tempo ali se viaõ
 De marmore soberbo figuradas.
 Huma caza de campo além estava ,
 De porfidos brilhantes ; de aureo teto ,
 E diamantinas portas : mais distante ,
 Onde hum placido tanque debuxava
 No seio ondozolas debruçadas penhas ,
 O copado arvoredos , as nuvens denças ,
 Pelas paredes retratadas via
 As ceruleas Campinas de Amphitrite ;
 Onde sentada sobre huma alva concha ,
 De candidos Amores brodiada ,
 Dione linda os olhos seus volvendo
 Serena os mares , e adormece os ventos.
 Naõ longe sobre hum carro fulgurante ,
 Das alvas filhas de Nereo cercado ,
 Curvando as crespas ondas , Doris bella
 Dois soberbos Delfins tirando vinhaõ.
 D'outto lado se via reclinada
 Europa aflita sobre o branco Touro ;
 De Fenicias grinaldas coroados.
 Mais ao longe co' a Fox do Tejo ameno ,
 Intestavaõ os bravos Oceanos :
 Sobre hum nivio montão de crespas ondas
 Sentado ali se via o Patrio Rio
 Co' as Tagedes formosas abraçado :

Humas as longas cans lhe pentiavaõ ,
 Outras lhe adornaõ a limoza fronte ,
 De luzentes capellas. Sobre as margens
 No feio de huma gruta devizava
 As louras filhas do Supremo Jove:
 Tocando eburneas Lyras sonorosas ;
 Aquellas , que nas margens da Castalia ,
 A' fresca sombra dos frondozos louros ,
 Eternos fazem os Heroes preclaros:
 No roto feio de hum penedo alçado ,
 Tocando a doce frauta altissonante ,
 O Semicàpro Pan ali se viam alçado
 Gostando transformada ver em cana
 A falsa Ninfa , que escadorava grato.

Aqui chegava : quando a gentil Deozava
 Alçando a doce vóz assim fallava.

- ,, Eis a suave habitação gostosa ,
 ,, Onde tecendo mil Grinaldas bellas
 ,, Serenos dias com prazer consumo.
 ,, Além hum Throno de Jasmims , e rozas
 ,, Me erigiraõ as Ninfas destes prados.
 ,, Se errante pelos campos , sem azilo
 ,, Ha longos annos vivo desprezada ,
 ,, Lançando os olhós por campinas longas,
 ,, Assaltada de Eolo ; Boreas , Notto ;
 ,, Agora em paz serena alegre vejo
 ,, A meu Imperio as estaçoens fugeitas.
 ,, Estes climas , que ves tão doceamente

„ Respirando suaves alegrias ,
 „ Por elles tem deixado a Cypria Deoza
 „ Chithera , Gnido , Paphos , e outras Ilhas
 „ Consagradas a sua formozura :
 „ E por elles deixara o Cyntio Nume ,
 „ Se os rubidos Ethontes açoutando
 „ Não levasse , e trouxesse ao mundo os dias ,
 „ O mesmo ingente bipartido monte.
 „ Quando passeia o nosso Heroe preclaro
 „ Estes floridos graciosos prados
 „ Lançando a vista sobre abertos livros ,
 „ Que fizudo entre as mãos sustem parando ,
 „ Das mais viçozas verdejantes eras
 „ Premio das doutas fronteas , reverente
 „ C'uma verde coroa lhe circundo
 „ A sempre grata magestoza frente.
 „ Veraõ meus olhos inda vir hum dia
 „ De imensos soes brilhantes coroados
 „ Trazendo ao luzo Povo a alta noticia ,
 „ Que ávido à tanto não debalde espera ;
 „ Elizia venturoza em paz veremos
 „ Sabio Ministro , liberal , e justo ,
 „ Da mão Augusta reeebendo as ordens ;
 „ E ao publico socego as Leis ditando ;
 „ Horridos Monstros , em catervas feias ,
 „ Veremos d'entre nós fugindo irozos
 „ Bramidos dando em pelagos cahirem ,
 „ Onde jámais o triste pranto enchugem.
 „ Tu que tens visto , e tu que alegre cantas
 „ As acçoens deste Heroe esclarecido

5, Agora he tempo , afina agrata Lira !
 ,, Soem por toda a parte os seus louvores ;
 ,, Em quanto d'alvas Ninfas rodiada ,
 ,, Pelos nudozos troncos dos loureiros
 ,, Em mil sublimes versos entalhado ,
 ,, De Vasconcellos deixo o nome illustre ;

Mais não disse : os angelicos acentos
 Sobre as pennas dos Zefiros levados
 Ficaráo longo tempo ressoando ;
 Dali sahindo , a meus saudozos olhos
 A patria terra pareceo estranha ;
 Na fervida memoria recordando
 Quanto a Deoza gentil permeditara
 O claro dia que raiar não tarda
 Dos gratos Luzos suspirado à tanto
 Fiquei ledo esperando : então vaidozo
 Tentiando da Lira as aureas cordas
 Do Sabio , do Famoso Vasconcellos ,
 Alegre cantarei o Nome Illustre
 O largo mundo atenderá meu canto ,
 E de louros cingida minha fronte
 Levantarei acima das Estrelas.



TEMPESTADE.

O Torvo Inverno sobte pardas nuvens
 Caminha à fós do socegado Lima
 C'ó sequito dos Austros furiozos.
 Em vão pertende Febo infatigavel
 O dia ornar de raios luminozos,
 Que o monstro, que asoberba a natureza,
 Lhe oppoem de escuras nevoas a barreira:
 E apenas à assustada gente passa
 Humã luz duvidoza, tibia, escaça.

Os Vassallos de Eôlo
 Fria saraiva arrojão sobre a terra;
 Troão os ares; vejo accezo o pólo;
 Movem-se os ventos n'uma mutua guerra;
 Treme inquieto o mar, raivozas vagas,
 Ora aos abismos os baixeis mergulhão,
 Ora por entre as nuvens os entranhão,
 E bramindo, e espumando
 Vaõ off-recellos a immortaes rochedos,
 Que inalteraveis, quedos
 Lhes respondem raivozos.
 Com sons desentoados, e horrorozos.
 O pavido Piloto então desfmaia,
 E em vão de longe vê a amiga praia.

Colhem á pressa a rede os Pescadores ;
 Nervozos braços , e robustos hombros
 Sé applicaçõ ao batél ; na arêa encalha :
 Tudo aterrado está , cheio de assombros
 Tudo fugir , tudo escapar trabalha.

Os tímidos Pastores
 Vaõ abrigar lanigero rebanho ;
 E os folicitos pobres Lavradores
 Vem semente perder , perder-se o amanhã
 Dos campos , que o arado revolvêra ,
 E em que a sua esperança mal nascera.

Aos mansos animaes , ás fêras brutas ,
 Aos leves passarinhos
 A tempestade encheo de horror , e medo.
 Quaes se vaõ abrigar nas cavas grutas ;
 Quaes vaõ procurar longe
 Hum resto de vestidos arvoredos ,
 Que o Inverno não desfolha ,
 Tudo quer , quem o abrigue , e que o recolha.

Hum aligero bando de Amorinhos ,
 Que são doce prazer desta campina ,
 Assustados , medrozos ,
 Se encaminhaõ á choça de Corina ;
 Corina , que entre fêra , e graciosa
 Para abrigar Amores poucas horas
 Tem mais arte , que todas as Pastoras.

Quaes se vão esconder entre os doirados
 Fios de seus cabellos,
 Outros, quaes borboletas, são queimados
 Na luz dos olhos bellos;
 Qual faz que a seus ouvidos
 Cheguem os meus terníffimos gemidos;
 A qual ditozo toca
 Ir recolher-se na engraçada boca;
 Qual dos labios lhe pende,
 E a seu sabôr o rizo solta, e prende.
 Lá dois no niveo seio se revolvem,
 Sobem e descem dois gelados orbes,
 Que assim gelados, quem lhe chega inflamao;
 Quaes nos roliços braços,
 E quaes se estendem lédos
 Nas jasminadas maos, nos lindos dedos.

Mas hum, que no meu peito eu sempre abrigo,
 Que eu nutro sempre, e vive, e está comigo,
 Sentindo o succurrar dos companheiros,
 Do coração aos olhos se me affôma,
 Rapido vôo toma:

Meu dezejo atrevido he quem o guia:
 Gira Corina em roda,
 Desde a cabeça ate os pés lhe desce
 Guiado do dezejo.
 Escondeo-se, occultou-se, eu não o vejo:

Lereno Selinuntino.

CANÇÃO.

Qual enxame de abelhas susurrando
Entre as mimosas flores,
Vejo voar o bando,

Lindo bando, de aligeros Amores:
Poizaõ na areia as brancas azas feixaõ
Arcos, e aljayas sobre a praia deixaõ.

Na branca praia hum circulo formaraõ,
E o fogo, que feriraõ,
Entre as quebradas altes atearaõ;
Contaõ quanto fizeraõ, quanto viraõ;
E entre rizados, contentes
Zombaõ do mal, que tem cauzado as gentes.

Qual mostra a maõ ainda tinta em fangue,
Em que enforpara o ferro,
Qual vem pintar o moribundo exangue,
Que elle ferio por erro.
Hum venceo com fereza, hum com afagos:
Ouço affustado os seus crueis estragos.

Ai que ouço hum solufando
 Sahe em soluços fria vóz partida.
 Tres vezes intentou chamar Erfando,
 Sahio-lhé a voz tres vezes dividida.

E's tu, mancebo nobre,
 A cauza do feu pranto? elle o descobre.

Tu foste o que algum dia
 Com este amor travesso
 Em tua companhia,
 Levavas as Pastoras ao exeso
 De suspirar a teu fabor, e geito
 Fazendo arder o fogo em niveo peito.

Lembraõ-se os mais Amores,
 Quem tu lapatécendo,
 Hum bando de rivaes competidores,
 Em ciumes ardendo
 Hiaõ raivar ao longe desprezados.
 Só tu feliz quando elles desgraçados!

A verde Cintra o sabe:
 Ella guarda ternissimos segredos.
 Qual Ninfa temeno teu gamor se cacabe
 Vejo os Sustos e os Medos
 Pintados em hum rosto,
 Em outros fazes reluzir o gosto.

Remaõ fortes membrudos Algarvios,
 E o escaler doirado
 Vai

Vai rasgando do Téjo os hombros frios ;
 Da outra parte esperado
 Por travessos Amores :
 Sofrem guerra os tranquillos amadores.

Infelices amantes !

Vai abaldar-se a publica ternura :

Para os dedos brilhantes

Olha com pavor a nova formozura ;

Inquire-se em Erfando quanto o adorna ;

Ouve-se o som do oiro, que elle entorna.

Chega-se á lauta meza,

Fumaõ as exquisitas iguarias :

A infeliz pobreza

Sahe da sua porta em doces alegrias.

Tanto não era visto inda até gora ;

E o brio de hum pastor tambem namora.

Mas tudo está mudado

Erfando não quer ser o que era dantes :

Já de tanto vencer enfatiado ;

Affustados amantes

Deicha agora em focego

Quem sabe se elle quer mais serio emprego !

Quem será pois aquella

Que teve a forsa de fixar seu gosto ?

Quem pode conhecella

Que doce encanto deve ter seu rosto ?

Ah !

MEMORIAL

I.

JA' que te chega a ventura,
Formosa Armania, taõ perto,
A quem de sublime altura
Nos rege com tanto acerto.
Ouve a voz pezada, e dura
De quem sempre vago, e incerto
Erra as sortes, que procura,
E de mizerias cuberto
Vive dias de amargura
Crendo que o descanso certo,
Só terá na sepultura.

II.

Se podes perante o Throno,
Onde a sã Piedade brilha,
De onde o seu torna a seu dono
A Justiça dos Ceos filha.
Dá seguro, e certo abono
A' voz de quem se lhe humilha,
Filho de honrado Colono,
Q' em soberba, e curva quilha
Dos ventos ao defabono
Foi ao novo Mundo, e Ilha
Sofrer o perpetuo sono.

III.

Não cances a Magestade
 Com a triste , e longa historia
 De hum Pai , cuja lealdade
 Faz a sua , e minha gloria.
E nem ha necessidade
 Desta distincão notoria
 Para a mover a piedade:
 Tenho de filho a vã-gloria ;
 Herdei-lhe a infelicidade :
 Mas honro a sua memoria ,
 Tu sabes , que isto he verdade.

IV.

Desde o triste nascimento
 Fundara minhas razões ;
 Se fora aqui meu intento
 Ir desculpar geraçoens.
Mas sei , que o merecimento
 He baze das petiçoens ,
E tenho em conhecimento ,
 Que não houve dois Adoens.
 Louvo o Grande Rei , que attento
 Da côr às vãs distincçoens
 Deu á minha cabimento.

V.

Basta-me , que se me desse
 Humma educaçãõ honrada ,

Que-

Que por ella conhecesse
 Do meu ser primeiro o nada:
 Q' a lei do Ceo aprendesse,
 E que á do Throno ditada
 Fiel sempre obedecesse:
 E esta alma ao bem inclinada
 Sempre buscallo quizesse
 Da honra seguindo a estrada:
 Meu merecimento he esse.

VI.

Affim de remoto clima
 Deixei do Sul o Cruzeiro;
 Vi do Norte a estrella em cima
 De muito maior luzeiro.
 Nas margens do claro Lima
 Eu me vi orfaõ primeiro;
 E entaõ da fortuna opima
 Vi o dia derradeiro.
 Do louvor da minha rima
 Só passando o anno inteiro,
 Por quem tenho paõ, e estima.

VII.

Este pois, que a natureza
 Me dera infeliz talento,
 Da-me, sem me dar riqueza,
 Esteril merecimento.
 Vates vivem na pobreza
 Pois do estro o atrevimento.

Tudo ; parece , despreza.
 Mas eu n'isso vou com tento ;
 Pois sei por triste certeza
 Que se não vive do vento ,
 E versos não fartaõ meza.

VIII.

Se á occasiaõ pouco pelluda
 Vou pela grenha fuster ;
 Quero humia mão , que me acuda ,
 Que só temo não poder ;
 E em lida honesta , e fizuda
 Quero ganhar que comer.
 Qu' o estudo o estro ajuda
 Eu ouço o amigo dizer :
 Que me socega assim cuda !
 Sim o estudo faz saber
 Mas mendigo não se estuda.

IX.

Alguem á sombra me ha posto
 Da sua propria ventura ,
 E me escuda ao vil desgosto
 Que me arroja á sorte dura :
 A vontade alhea , e gosto
 Ninguem conte por segura.
 Por esta porein aposto
 Conheço-lhe a fraze pura.
 Mas o barro assim composto

Quem sabe o tempo que dura ?
E a que fustos ando exposto !

X.

Quem diria, quem diria
Quando o Grande Rei me honrou,
E da facil Poezia
Agradar-se assim mostrou;
Que de noite, que de dia
Gratamente me escudou;
E a Real protecção pia
Franquear-me começou,
Que tão pouco viveria?
Mas não vive; e eu pobre estou!
Sem emprego, e sem valia.

IX.

Sempre eu quiz, tu tens lembrança,
O Estado Sacerdotal
E esperei com confiança
Sempre no favor real.
Este estado não se alcança
Sem bem patrimonial.
E a fatidica balança
Sempre a mim mo pezou mal;
E eu fiquei só co' a esperança,
Que não dá nem hum real,
E que por velha se cança.

Que

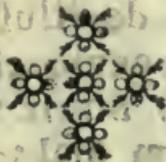
XII.

Que se cumpra esta promessa,
 Que me fez bens esperar,
 Parece justo, que eu peça
 E justo não se escuzar.

Mereça, Armania, mereça,
 Queiras meu cazo advogar,
 E seja com toda a preça
 Q' he meu contrario o vagar.

A Petição appareça
 Faze-a ler, faze-a tomar
 Hum lugar, que nunca esqueça!
 Tu sempre me has de lembrar.

Lereno fil.



T R A D U C Ç Ã O

*De huma Carta melancolica de M.^{me} Des
Houlieres a huma Senhora , que per-
tendia ser Poeta &c.*

Que gloria ! que capricho ! que esperança
Vos tenta , e inquieta ?
Quereis ser fabia ? O nome de discreta
Sem disgosto , Amaranto , não se alcança .
Nem este nome hum tempo glorioso
Conserva nada em si de doce , e honroso .

Deste odiozo titulo oprimida
De nada val o seres virtuoza :
Basta ser por discreta conhecida ,
Para em vão pertenderes ser ditoza :

Eu sei que liberal o Ceo vos dera
Todo o esplendor de illustre nascimento ;
Nem vosso genio espera
Mais premio , que nutrir vosso talento .
Tendes menos hum mal ; mas ha peiores
Todos sem cura alguma em que meter-vos ,
Que haveis de arrepender-vos
De haver-des desprezado os meus clamores ;

Vereis sem vos cansar sempre aturados
Pedantes , e Poetas ,

Que

Que vos haõ de gritar de ambos os lados
Com obras indiscretas.

Podereis suportar hum nobre tolo
Que a penas sabe ler, e em vossos versos
Decide como Apolo?

Nutre a murmuraçãõ peitos diversos:
Quem compra hum livro, he para rirse delle
Do longo estudo o fructo he só aquelle.
Ninguem lê porq̃ aprenda; e em varios modos
Só para murmurar he que lem todos.

Rides do meu temor; julgais quimera;
Vosso amor proprio diz-vos em sogredo,
Q' eu julgo mal, que naõ deveis ter medo
Do Censor rude à Critica mais fera.

Estã bem: mas notai que entrando hum dia;
Onde a moda importuna ajuntã a gente,
Mal vosso nome hum servo pronuncia,
~~estã bem~~ Tomando hum tom diff'rente,
Corre esta vóz por toda a companhia:
„ A discreta ahi temos;
„ O discurso se mude a vóz mudemos.

De nova proza, e versos só vos fallaõ;
E entãõ vos asseguro,
Que para vos ouvir todos se callaõ;
E se em discurso emphatico, e escuro
Naõ respondeis; prometo
Que murmurando o auditorio inquieto;

Diga: he esta a Discreta, e peregrina?
 Como ella falla, falla huma menina.

Ides ver ao Theatro hum Drama novo;
 Para vós olha o Povo,

O Author tem em vós a vista fieta,
 E nos vossos meneios só medita:

Por vós está alerta,
 E se ao gosto da gente não acerta,
 Do que se diz do Drama fois culpada,
 A risco de sofrer a Muza irada.

Mas podeis responder-me:

Naõ tenhas esse medo inutil, vaõs;

Já mais em tal perigo espero ver-me;

Que eu fugirei a nescia multidão:

He verdade: porém como se evita

A raiva, com que espreita a Corte inquieta

A huma mulher discreta?

Como lhe hade escapar, quem nella habita?

Ahi o mesmo ar, que se respira

Tras contra quem escreve inveja, e ira.

Naõ he coiza de rizo: estamos todos

Forçados a viver, como escondidos.

Apenas de alguns modos

Publica em seus bramidos.

A Deoza falladora,

Que da Lyra tirais a vós sonora;

Os homens , e as mulheres fogem ; tremem
Mulheres , e homens responder-vos temem.

Ha genios bem adversos ,
Que não sofrem escuzas ,
E cuidaõ , que quem tem trato co' as Muzas,
Só sabe fazer versos.
Quanto ministra a Fabula á Eloquencia
E da historia se aprende !
Sofrem com impaciencia
E o saber mais do que elles os ofende.

Vendo-os n'um ar soberbo , e presumido ,
Que affectaõ escutando
Verso , que para elles não he lido :
Talvez se estaõ bons votos esperando :
Ninguem se fie desta farsa uzada ;
Porque humas vezes não escutaõ nada :
E muitas vezes mais nada comprehendem :
E assim acuzação huns , outros defendem.
Por dois bonitos toda a obra he boa ,
E toda he má se hum verbo mal lhe sôa.

Torpe dessolação , jogos proscritos
São seu estudo fero ,
E elles fallaõ de Homero ,
E de Horacio , e comparaõ seus escritos.
Confundem d'hum , e d'outro a Poezia
Taõ conhecidos como taõ diferentes ,
E as obras excellentes.

Trataõ como quimera, e zombaria.
 Inimigos crueis de lingua estranha :
 Tem a sua ignorancia por façanha.
 Ainda tem a Corte alguns Senhores,
 Que mais piedade tendo
 Se ostentaõ generosos Protectores
 Da sciencia, que está quazi morrendo.
 Mas quanto ha de durar gente taõ boa?
 Ah! Que eu já tremo! Eu sinto o sangue frio.
 Lacheses, que a nenhum mortal perdõa,
 Levanta o golpe contra o debil fio.

 Que fareis vós entaõ!
 Haveis de envergonhar-vos? confundir-vos?
 Bella Amaranto, cantareis em vaõ,
 Sem que huma só pessoa queira ouvir-vos.

Mais de hum exemplo triste vos segura
 Desta pronosticada desventura.

 A moda está passada:
 Já o saber a todos desagrada.
 Gente discreta para nada serve:
 Fazei que se conserve
 Destas fatais verdades a memoria;
 Q' ella pode vencer
 O vaõ dezejo de huma futil gloria;
 Que dá muito pezar, pouco prazer.

Crede que eu bem o chego a conhecer;
 E já mais na Hypocrene eu beberia

A ter a liberdade de escolher.
Mas ó dos nossos Fados Lei impia!
Ninguém se rege a si, o esforço he vaõ,
He mui violenta a nossa inclinação.
Fis verso antes de ter conhecimento
Do mal, que cauza este fatal talento.

Mas pois Vós não nascestes, que eu conheço,
Co' o infeliz talento, que aborreço;
Não, não vos apliqueis a estudo tal,
Q' he concorrerdes para o vosso mal.

Lereno Selin.



HEROIDA

THESEO A ARIADNA,

Inconstante Ariadna ambiciosa ;
 Que por cobrir a fea aleivozia
 Depois de ser perjura és a queixoza ;
 Essas ásperas queixas , que me invia
 Teu falso coração , formosa ingrata ,
 Já não são , como as queixas d' algum dia,
 Tudo a fiel memoria me retrata ,
 Fui a tua esperança , o teu conforto ,
 Agora sou o roubador Pirata.
 Quizera o Ceo , que me chorassem morto ,
 Por não sentir as penas , que hoje sinto ,
 Antes de ver da infauſta Creta o porto.
 Achei de fangue humano farto , e tinto ,
 Homem , e Toiro , o Monſtro , q̃ espalhava
 Morte , e terror no vaſto labyrintho.
 Vi lançar-se da torre , que habitava
 O Artifice engenhoso ; e como aos ares
 Sobre as azas de cera ſe entregava.
 Filho infeliz , que deſte o nome aos mares ;
 Quanto inveja Theſeo a tua forte
 Depois de ter chegado aos patrios lares ?
 Temeſte , eu não o nego , a minha morte ,
 Mudavel Ariadna ! o laço eſtreito
 D' hú novo , e puro amor julguei mais forte.

Da tua be'la mão o fio aceito,
 Que me serve de guia: encontro, e luto
 C'o formidavel monstro peito a peito,
 Livrei a Patria do fatal tributo;
 Mas o premio maior desta victoria
 Era gozar do nosso amor o fructo.
 Que breve, oh Deozes, foi a minha gloria!
 Já sobre a não Cecropida nos vemos,
 E eu me julgo feliz; doce memoria!
 Reina a calma no mar, e nós perdemos
 De vista a Creta; geme felizmente,
 E escuma o sal batido de cem remos.
 Quatro vezes da noite descontente
 Rasgou a branca Aurora o vêo sombrio,
 Abrindo as aureas portas do Oriente.
 Quando vimos o bosque, e a fóz do rio
 Alegre, e focegado, os marinheiros
 Conhecerão de longe a verde Chio.
 Pizamos logo os montes, e os oiteiros
 Offerecendo aos Deuzes tutelares
 Huma branca novilha, e dois cordeiros.
 No bosque inda fumavaõ os altares,
 Tu dormias, as nuves se amontoaõ,
 E principiaõ a engrossar-se os mares.
 Corro a firmar as ancoras: já soaõ
 Das ondas os rochedos açoitados,
 E os ventos, e os trovoens o mundo atroaõ.
 Faltou a amarra: a meu pezar os fados,
 Que tristissimos Fados! me levarão,
 C'o as negras tempestades conjurados.
Sabe

Sabe o Ceo , que fadigas me custaraõ

Entaõ as tuas lagrimas , e penas ,

Que as minhas ca de longe acompanharaõ:

Sem leme ja , sem mastro , e sem antenas ,

(Vaõ ludibrio dos mares , e dos ventos ,)

As tristes praias avistei de Athenas.

Ariadna occupou meus pensamentos

Meu coraçãõ a teve sempre á vista ,

Para mais avivar os meus tormentos.

Que fructo logras de huma tal conquista ,

Thefeu amante , filho sem ventura ?

Quem haverá que a tanta dor rezista !

O velho Egeo , que os Immortaes conjura ,

Por ver alegre o fim dos meus perigos ,

Teve no mar funesta sepultura.

Entre applausos da Patria , e dos Amigos

O triste coraçãõ suspira , e sente

O duro amor , e seus sarpoens antigos.

Por dar-te hum novo Reino impaciente ,

Espero , que depondo furor tanto

Neptuno aplane as agoas c'õ Tridente.

Duas Naos tenho promptas ; mas em tanto ,

Espalha a Fama por diversas partes ,

Que o moço Bacho te enxugara o pranto.

Que ambiciosa ao ver os estandartes

Do alegre Indiano , e seus cabellos loiros

Facil com elle o meu amor repartes.

Se Reino, ou Fama, ou Gloria entre os vindoiros

Busca a tua ambiçãõ n'hum ser divino ,

Eu sou Theseo ; Athenas tem thesoiros.

Egeo

Egeu fahio do Reino Neptunino,
 Na fatidica Não aventureiro,
 Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.
 Não foi Jafão, nem Hercules primeiro
 Combater c'os Dragoens . . . tu suspiraste
 Vendo encher o meu nome o múdo inteiro.
 Inda me lembra o dia que apertaste
 Co' a minha a tua mão: dos nossos laços
 Por testemunha o mesmo Ceo chamaste.
 Tu não viste correr longos espaços,
 Que desculpaõ o frio esquecimento;
 E chego a ver-te alheo n'outros braços?
 He esta a fé devida ao juramento?
 Responde ingrata, desleal, mais dura
 Do q' a rocha, e mais varia do que o vento.
 Saiaõ do seio da lagoa escura,
 Que o mesmo Jove de offender recea,
 Negras furias, que o meu temor conjura.
 Empunhe a ingrata o thyrsõ, e sobre a arêa
 D'huma deserta praia os Tigres dome,
 Com que o seu novo amante se recrea.
 Com tanto, que o amor que me consome
 Em odio se converta: . . . ah! que eu deliro
 E não posso esquecer-me do seu nome!
 Ventos, que me obrigastes ao retiro,
 Levai minha ternissima saudade,
 Conheça embora a ingrata, que eu suspiro.
 Possaõ servir de exemplo em toda a idade
 Os nossos nomes, despertando a historia
 Do meu amor, da sua variedade.

Sirva este meu tormento à sua gloria ;
 Pague eu embora a culpa do meu fado ;
 E roube-me das mãos outro a victoria,
 Porque não fui do monstro devorado !
 A minha desventura me guardava ,
 Porque fosse depois mais desgraçado ,
 Frondosos arvoredos onde estava
 Ariadna cruel , quando dormia ,
 Ariadna , justos Ceos , qu' eu tanto amava !
 Vós amarellas flores , tu sombria
 Musgoza gruta , onde a infiel descança ,
 Mostrai-lhe a minha imagem noite , e dia .
 Eu era o seu amor , sua esperança ,
 O ultimo .. o primeiro .. oh Ceos ! Perjura ,
 Quanto me custa esta cruel lembrança :
 Não ha mais que esperar da forte dura !
 Voai Remorsos a vingar-me : ao menos
 Rodeai-a no feio da ventura ,
 E turbai os seus dias mais ferenos .

EPISTOLA.

Meu amado Laurino, caro amigo,
 Q' em meus primeiros, e ditozos annos
 Me mostrou a Virtude, para exemplo,
 Que devesse imitar, e quem seguisse
 Como modello d'hum perfeito sabio.
 (Sabio te chamo; não porque te mostres
 Ao mundo em vãos escriptos pedantescos
Carregados de drogas da antigualha;
 Porém tomo este nome venerando
 Nessa mesma accepção em que o tomavaõ
 Da Grecia, e Lacio os perspicazes genios.

Meu amado Laurino, já que a sorte
 Com cem algemas, e grilhoens pezados
 Meus infelices dias aferrolha,
 Fazendo com que eu gema qual forçado
 Ao remo da galé, e que não possa
 Dispor dos dias meus, não consentindo,
 Q' eu võe sobre as azas da Amizade
 Descansar no teu seio alguns momentos:
 Semelhantes a aquelles que passámos
 (Venturozos momentos, doces horas
 Q' em quanto eu respirar haõ de lembrar-me)
 Sobre as alcantiladas duras rochas,
 Q' asfoberbaõ do mar da minha patria
 As furiosas ondas; quando alegres

Sobre mil cousas uteis conversando
 Via-mos mergulhar o carro d'ouro
 Do Luminoso Sol nas ondas frias,
 Vendo os peixes saltar por entre a espuma
 Q' hiaõ cortando mil pequenos barcos.
 Pois que não posso caro amigo hir ver-te,
 Cà de longe envolvido nestes versos
 Meu coração te envio, e vou com tigo
 Nestes versos assim desafogar-me.
 Este nome de Amigo, ó bom Laurino,
 Que foi no aureo seculo tratado
 Como hum nome sagrado ah quaõ diferente
 Se entende nestes dias infelices
 Em que o mundo já velho, e delirante
 (Como tu dizes bem com muita graça)
 Vai seguindo o seu curso sempre à toa
 Qual Não sem leme, ou desbocado bruto:
 Eu julgava algum dia, que era facil
 A quem tinha hum caracter bom, e honrado
 Achar muitos amigos, que o amassem
 No mesmo justo gráo de singeleza:
 Correrão annos, e correu a idade,
 Fui viajando o Sertão destes paizes
 E achei outros aspectos, e outros ares.
 Fui conhecendo entaõ à minha custa,
 Q' há huma Divindade imaginaria
 A que os Mortaes errados todos seguem
 Q' incensaõ, que respeitaõ, que sómente
 Protestaõ antepôr os mais sagrados
 Deveres da Moral, ou Leis Celestes.

Eu

Eu fallo no interesse , Irmaõ ínteiro
 Do sagaz Amor proprio mal guiado ;
 Do bastardo Amor proprio , naõ daquelle
 Q' a provida natura , em nós fixara
 Para motor de acçoens grandes , e nobres.
 Este monstro , ó Laurino , esta medonha
 Hydra Lernêa , que com cem cabeças ,
 E co' as trifulcas lingoas envenena
 Quantos chega a morder ; esta de todo
 Apagou da amizade as claras luzes
 Com seu halito , e bafo pestilente.
 Se Nafario me chama , por exemplo ,
 Seu caro amigo , e como tal me estima ;
 Naõ he porque me estime lá no fundo
 Do seu corrupto peito ; mas samente
 Porque julga de mim pode zombando
 Servir seu interesse em qualquer ramo
 Para que me achou apto. Caro amigo
 Tu que entendes as cousas como poucos
 Por mais breve que eu seja bem me entendes :
 Estima-se hum por ter mulher formoza ,
 Por ter formozas filhas , ou cunhadas.
 Outro porque em seus cofres entezoirá
 Mais riquezas , que teve Cresso , ou Midas.
 Aquelle porque o Ceo lhe dera hum genio
 Amigo de servir mesmo aos ingratos :
 Este porque costuma aos gabinetes
 Penetrar dos Ministros sem licença :
 Em fim por qualquer cousa em que se possa
 Fundar do interesse as esperanças.

Nunca vi que hum mortal achasse amigos
 Só por honrado fer, fabio, modesto;
 He precizo, que tenha alguma couza,
 Que sirva ao interesse dos amigos.

Eis-aqui tens o *Seculo illustrado*,
 Como os bellos espiritos lhe chamaõ!
 Miseraveis mortais, a quem a forte
 Deu hum singelo peito, huma alma nobre
 Senaõ quereis ser victimas nas aras
 Do Monstro, Deos do seculo, e dos homens,
 O vosso coração intacto, e puro
 Guardai-vos de entregar a amigos falsos.
 Triste de mim, Laurino, e de outros muitos,
 Que como eu amaõ da virtude as luzes,
 Se entre estas densas trevas, que nos cobrem
 Naõ vissemos os raios da Amizade
 Brilhar quaes em ti vemos, e na quelles,
 Que como ati o mundo naõ conhece.
 Guarda o Ceo estes poucos escolhidos
 Para que desta errada Humanidade
 Os defeitos encubraõ, e desculpem
 Para que naõ criemos raiva, e odio
 A' geração presente, aos vız humanos.
 Eu podera entreter-te longamente
 Sobre taõ vasto assumpto, porém temo
 Ser-te pezado, ainda que conheço
 Quanto me estimas, quanto me desculpas:
 E assim pedindo ao Ceo teus dias guarde,
 Fecho esta Carta. A Deos Laurino caro.
Coridon Neptunino.

VANTAGENS, DA POBREZA,
E DA VIDA IGNORADA.

O D E.

F Unestos Lucros da fatal riqueza
Rasguem o peito da ignorante Plebe:
Corraõ a poz do ouro, e dos diamantes
Os Proceres soberbos.

As almas grandes pelos Ceos formadas,
E a grandes cousas pelos Ceos eleitas,
Tem na pobreza desprezada, e escura
Herança apetecida.

Esse, que ignora da sua alma o preço,
E que ante os olhos jámais vira a face
De eternas luzes, sempre radiante
Da candida Virtude:

Esse com pasmo, e estupefacto atolhe
Os abundantes chapeados cofres,
E já mais saiba, que a pobreza inculta
He thesouro infavel.

Quem se afadiga por metal luzente,
Q' a tantos nega caprichoza sorte,
E que pallida furia do profundo
Abismo, á terra trouxe.

Quem

(III)

Quem mais dezeja possuindo muito
Entre as funestas retorcidas garras
Da roedora macerada Inopia
Atormentado geme.

Mas nada falta ao que dezeja nada
Feliz pobreza mais ditosa , e rica
Qu' a fulgurante pedraria , e sedas
Do lucido Oriente!

Que fatal quèda se prepara ás Torres ;
Que pelas nuvens as ameaas lançaõ :
Já já feridas das procellas duras
São montoens de ruinas !

Fuma entre cinzas inclita Carthago ,
Cahem de Numancia levantados muros ,
Espartha , e Thebas , e afoberba Athenas
Só na memoria restaõ.

As de Corintho doricas columnas ,
Os de Palmiro porticos soberbos ,
O curvo arado apenas os descobre
Nos tortuozos sulcos.

Em quanto a rama o corpulento Cedro
No ár estende , e o Carvalho annozo
Raizes lança , furibundo raio
Inflama a verde pompa.

Mas

Mas leve colmo , que a cabana cobre
Do pastor rude , que repouza alegre ,
Seguro vê rasgar o Ceo luzente
Pela trifulca lança.

Sob os luzentes marchetados tectos
Se aninhaõ tristes , funebres Cuidados.
No leito mole , de mimosas plumas
Vélaõ impios Dezejos.

Com as estatuas de alabastro , e jaspe ,
Que a vaidade á vaidade erige ,
Entre suspiros , e amargozo pranto
Tem a Tristeza hum busto.

Passa avexado pela turba inerte
De mil Clientes , que a lizonja guia ,
Grande Ministro de quem pende a sorte
De Reinos , e d' Imperios.

Mais pèza o Sceptro , e abrilhante Crôa ,
Qu' adorna a frente do Monarca altivo ,
Qu' a vil cadeia , que o forçado arrastra
Na profunda masmorra.

Elle no trôno de brocado feito ,
De mil espadas sempre ali guardado ,
Já mais seu peito placido socega
Nos braços do reponzo.

O' tu Pobreza sacrosanta , e justa
Da-me os teus braços n'um amplexo doce
Em paz me leva ao Sanctuario occulto ,
Dos solidos prazeres.

De hum borel tofco rodeado o corpo ,
E sobre o feno reclinado alegre ,
Enchutos olhos para o Ceo levanto
Vejo tranquilo os Astros.

Volvaõ as rodas inconstantes todas ,
Tornem Imperios em Theatros tristes ;
Onde as cabeças decepadas pulem
Dos Varoens desgraçados.

Ou veja o rico nas opimas mezas
Brindando em copos de esmeralda , e oiro ;
Onde espumantes rubicundos fervem
Os licores do Rheno.

Eu bebo em couchos de cortiça apenas
As doces agoas de huma fonte pura ;
Porém não temo nos agrestes copos
O livido veneno.

Se huma Berlinda de vernis Chinense ;
Tirada á força de frizoens soberbos ,
Não me conduz nas espaçozas praças
Com affombro das gentes ;

Eu fei , que apenas o supremo Nume
Vestio de rudes abatidas pelles
Os frageis membros do mortal humilde ,
Que tanto se levanta .

Aos pés te calco sanguinoso Monstro ,
De eternos males sempre rodeado ,
Ambição cega , que os mortais illudes ,
E ao precipicio os levas :

Em quanto o sabio de paixoens izento
Possue o Mundo , possuindo nada ;
Porque he contente co' a pequena herança ,
Q' a forte lhe deixara .

Elmiro Tagidio.



O D E
S A P H I C A .

P Or mais que a forte m^c elevasse ao cume
D^c onrozos cargos , de poder supremo ,
Q^c os ferreos cofres de metal luzente
Provida abrisse ;

Nos regios paços do palacio altivo
Por entre as mezas muzicais Artistas
Meu grande nome retumbar fizessem
Nos aureos tectos ;

Q^c o Orbe inteiro admirasse atento
A longa serie de montoens de glorias ,
Que nunca visse temeroza a meta
D^c ultimo dia ;

A alma grande d^c hum nascente Vate
Só por ventura por prazer tivera ,
Se a branda Tirce de meus ternos olhos
Astro brilhante !

A altiva Lyra , que as phalanges guia
D' eternos hymnos , que seu nome entoão
Nas partes quatro do terraqueo globo
Placida ouviſſe ;

Então ornando de virente rama
A altiva teſta , com prazer chegara
Nas pandas azas d' alegria à immenſa
Lucida Eſphera.

Só ella pode c' hum ſó leve rizo ,
C' hum terno agrado , c' hum virar dos olhos,
Fazer-me igual aos Cidadaõs do Olimpo
Inclitos Deozes.

Marisheu Ultramarino.



A' ILLUSTRÍSSIMA , E EXCELLENTÍSSIMA
S E N H O R A
CONDEÇA DE POMBEIRO ,
NO DIA DE SEUS ANNOS.

H Oje he dia de oblação ,
E eu trago do meu tezouro
Coizas , que já raras são :
Valem mais que prata , e oiro ,
Pedacos de gratidaõ.

Trago palavras , Senhora ,
Q' offertar-vos : não duvido ;
Ralhe o Mundo muito embora ;
Q' expreçoens de agradecido
Não são de lançar-se fora.

Mas disto não venho mal ;
E se eu mesmo testimunho ,
Q' ante vos ser grato val :
Da gratidaõ com o cunho
Trago muito cabedal.

Trago dos meus companheiros ,
Os que vos servem commigo ;
Q' ahi vedes prazenteiros ,
Parabens de cunho antigo
Singelos , e verdadeiros.

Qual

Qual diz: que aos Ceos vos pedio ;
E que do Ceo vos julgou ,
Apenas vos descobrio ;
Pois ás que o Ceo vos doou ,
Graças iguais nunca vio.

Qual vos vio entre as mantilhas ,
E logo , em belleza , diz :
Que podieis dar partilhas ,
E mostra que as repartis
Pelos filhos , pelas filhas.

Qual vos trouxe nos seus braços ,
E qual pelas andadeiras
Vos teve emprimeiros passos :
Qual conta as graças primeiras ,
E pueris desembaraços.

Por todos se nota entãõ
Quanto mais fieis crescendo
Hia crescendo a razaõ ;
Mais , e mais aparecendo
Formozura , e discriçaõ.

Trago entre tantos louvores
Com o toque da verdade
Agradecidos clamores ,
De vozes de toda a idade ,
Gentes de todas as cores.

Reparai bem no alvoroço
 De mim, e de todos estes :
 Reparai no afeito nosso :
 Para tanto vós nos destes,
 Quanto vedes tudo he vosso.

Mas aqui não pareis, não ;
 Veja o vosso entendimento,
 Qual vem nosso coração,
 Que tras agradecimento.
 Por cambio de gratidão.

Tomemos hum tom mais alto :
 Convem à honra do dia ;
 Saiba o Mundo que eu não faíto ;
 Dando em signal de alegria
 Até nos versos meu salto.

Dos outros dice até-qui ;
 Agora de mim direi :
 Que logo quando vos vi
 Desde então presaguei
 Cumprio-se o que eu antevi.

Inda nas fachtas honraſte
 Minha rude cantilena :
 Já quando então me eſcutaſte,
 Sempre ao ſom da minha avena
 Piedoſos olhos voltaſte.

A minha uzada amargura
 Diminuir-se eu sentia :
 Cuidei que era a formosura ;
 A cujo esplendor fugia
 Minha feia má ventura.

Batia o meu coração ,
 Qual podia se expressava ;
 Elle me dizia então :
 Qu' em vossos dias estava
 Dos meus a consolação.

Quando na desgraça minha
 Jozé estancou meus ais ,
 Roguei ao Ceo , qual convinha ,
 Desse aos outros grandes mais
 Almas , como a que elle tinha.

Ouve o Ceo meus gritos lasso ;
 Foi a minha voz ouvida :
 Teceo estes doces laços ,
 Eis-sua alma à vossa unida
 Já nos dão dignos pedaços.

Possa atão justa uniaõ ,
 Segura em doces affectos ;
 Respeitar do Tempo a mão ,
 E os Netos dos vossos Netos
 Recebaõ vossa benção.

Quando vai meu voto ardente
Revoando ao Ceo assim :
Sabe o Deos Omnipotente ;
Que não sois só para mim
Sois o bem de muita gente.

Portugal , que não se esquece
Do que dos vossos lhe vem ;
E medita o que carece ,
Pede comigo tambem
Q' he feu o mesmo interece.

Nega-me o Ceo cabedais ;
Qual seja a razão não fei ;
Porém como vós vivais ;
Mais nada ao Ceo pedirei :
Vivei , não dezejo mais.

D. C. B.

INDICE

DAS OBRAS, QUE CONTE'M
esta terceira Parte do Almanak
- - das Muzas.

B <i>Ilhete de boas festas , e annos</i>	
<i>bons - - - - -</i>	<i>pag. 24</i>
<i>Cançoneta Dithyrambica - -</i>	<i>p. 52</i>
<i>Cançoneta premiada pela Academia</i>	
<i>Real das Sciencias - -</i>	<i>p. 56</i>
<i>Cançoneta o Amor convertido em Abe-</i>	
<i>lha - - - - -</i>	<i>p. 61</i>
<i>Canção a Erfando - - - -</i>	<i>p. 85</i>
<i>Dithyrambo nas faustas melhoras do</i>	
<i>Serenissimo Principe do Brazil</i>	
<i>o Senhor D. JOÃO - -</i>	<i>p. 27</i>
<i>Epistola a Laurino - - -</i>	<i>p. 106</i>
<i>Heroide Theseu a Ariadna -</i>	<i>p. 101</i>
<i>Idilio o Fauno - - - - -</i>	<i>p. 65</i>
<i>Idilio os Lagareiros - - -</i>	<i>p. 35.</i>
<i>Lebreida , ou caçada Real das Le-</i>	
<i>bres - - - - -</i>	<i>p. 6</i>
<i>Memorial - - - - -</i>	<i>p. 89</i>
<i>Ode a Amizade - - - - -</i>	<i>p. 50</i>
<i>Ode Vantagens da Pobreza -</i>	<i>p. 110</i>
	<i>Ode</i>



